



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PALMAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

ELIZÂNGELA MENDES SOUSA CARNEIRO

**PRÁTICAS EDUCATIVAS COM PESSOAS IDOSAS QUILOMBOLAS NA REGIÃO
AMAZÔNICA DA ILHA DE SÃO VICENTE EM ARAGUATINS – TOCANTINS**

**Palmas, TO
2023**

ELIZÂNGELA MENDES SOUSA CARNEIRO

**PRÁTICAS EDUCATIVAS COM PESSOAS IDOSAS QUILOMBOLAS NA REGIÃO
AMAZÔNICA DA ILHA DE SÃO VICENTE EM ARAGUATINS – TOCANTINS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação
em educação da Universidade Federal do Tocantins
(UFT), como requisito à obtenção do grau de Mestre (a)
em educação

Orientador (a): Dra. Neila Barbosa Osório

**Palmas, TO
2023**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins

- C289p Carneiro, Elizângela Mendes Sousa.
Práticas educativas com pessoas idosas quilombolas na região amazônica da ilha de São Vicente em Araguatins – Tocantins. / Elizângela Mendes Sousa Carneiro. – Palmas, TO, 2023.
84 f.

Dissertação (Mestrado Acadêmico) - Universidade Federal do Tocantins – Câmpus Universitário de Palmas - Curso de Pós-Graduação (Mestrado) em Educação, 2023.
Orientadora : Neila Barbosa Osório

1. Práticas educativas. 2. Idosos quilombolas. 3. Relações intergeracionais. 4. Saberes. I. Título

CDD 370

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

ELIZÂNGELA MENDES SOUSA CARNEIRO

**PRÁTICAS EDUCATIVAS COM PESSOAS IDOSAS QUILOMBOLAS NA REGIÃO
AMAZÔNICA DA ILHA DE SÃO VICENTE EM ARAGUATINS – TOCANTINS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação foi avaliada para a obtenção do título de Mestre (a) em Educação e aprovada em sua forma final pelo Orientador e pela Banca Examinadora.

Data de aprovação: 17/07/2023

Banca Examinadora:



Profa. Dra. Neila Barbosa Osório (PPGE/UFT)-Orientadora e Presidente da Banca



Prof. Dr. Luiz Sinésio Silva Neto (PPGECS/UFT)



Profa. Dra. Jocyleia Santana dos Santos (PPGE/UFT)

Dedico esse trabalho a Deus em primeiro lugar, pois me sustentou até aqui e não me deixa desistir. A minha querida mãe Maria Dina (in memoriam) minha maior incentivadora e a todos os meus ancestrais que não tiveram a oportunidade de estudar.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por me conduzir nesta jornada, me guiando, e me mostrando que obstáculos são passíveis de superar.

A comunidade quilombola ilha de São Vicente em nome de Silvaney Barros por me acolher de forma muito carinhosa, me fazer sentir pertencente.

A meu esposo Felismar, por me incentivar na trajetória acadêmica, pela paciência ao me acompanhar nas pesquisas de campo, além de cuidar tão bem da nossa filha, principalmente na minha ausência.

A minha filha Dina Maria, por suportar minha ausência e ser minha inspiração para ser alguém melhor a cada dia.

A minha orientadora Dra. Neila Osório, que me aceitou como orientanda, e que muitas vezes me colocou no colo, quando eu não conseguia andar e sempre acreditou no meu potencial.

A UMA/UFT, que me deu a oportunidade de saber mais sobre o envelhecimento e mostrou que é possível desenvolver práticas educativas com pessoas idosas e quilombolas.

Aos meus colegas do Programa de pós-graduação em Educação, que estiveram comigo nesta busca por conhecimento: Marlon Brito, Francijanes Alves, Nubia Brito e Fernando Nunes. Obrigada por não soltarem a minha mão. Só consegui porque tive vocês como rede de apoio.

Aos meus colegas do colégio Estadual Manoel Vicente de Souza, por me incentivar, em especial ao Diretor Victor Ribeiro, que sempre me apoiou com muita sensibilidade.

RESUMO

Estudar as memórias em comunidades quilombolas é um caminho fértil para compreender práticas de Educação Intergeracional destas comunidades, por ser um espaço que alimenta debates transformadores, capazes de levar conhecimentos, habilidades e novos valores para o cotidiano do idoso. Investigou-se essa temática em jornada junto ao Programa de Pós Graduação em Educação, da Universidade Federal do Tocantins (PPGE/UFT) na linha Estado, Sociedade e Práticas Educativas. O presente trabalho é uma pesquisa qualitativa, de base fenomenológica, que teve como objetivo geral compreender e descrever a experiência vivida por esses indivíduos, a partir de sua própria perspectiva e vivência. Essa abordagem envolveu a comunidade quilombola Ilha de São Vicente, pertencente à Amazônia legal, no município de Araguatins – Tocantins. E assim, também são fenomenológicos os três objetivos específicos desta publicação: explorar interesses por práticas educativas com pessoas em comunidades quilombolas da Amazônia Legal; revelar perspectivas de relações com pessoas idosas no município de Araguatins – Tocantins; e compreender as vivências que envolve a educação com pessoas idosas na comunidade Ilha de São Vicente. A fenomenológica permitiu identificar temas comuns, padrões de significado e perspectivas únicas das pessoas idosas quilombolas em relação à sua ligação com as práticas educativas com pessoas idosas da UMA/UFT. Na pesquisa explorou-se diferentes aspectos, com foco nas práticas educativas e nas relações intergeracionais, além de observar a relação da UMA/UFT com a comunidade quilombola, em suas práticas pedagógicas. Para tanto, foi levantada a seguinte questão norteadora: “Como a experiência vivida por pessoas idosas da UMA/UFT alcançam as pessoas idosas da comunidade quilombola Ilha de São Vicente, pertencente à Amazônia legal, no município de Araguatins - Tocantins? A Universidade da Maturidade (UMA) é um projeto que deu certo – são apresentados alguns exemplos do seu sucesso no corpo do texto). Conforme os resultados das práticas em comunidade quilombolas, há uma necessidade de implantação de um polo da UMA/UFT na cidade de Araguatins para assistir os quilombolas do município. Esse mesmo polo pode beneficiar idosos de outros três quilombos em municípios próximos, uma vez que, conforme as ações e visitas, a população demonstrou aceitação e interesse de estreitar os laços com a UMA/UFT. Através da elaboração dessa dissertação, julga-se ser possível observar a importância de promover uma sociedade inclusiva e respeitosa com as pessoas idosas, ao reconhecer seu papel fundamental na transmissão de saberes e na construção de memórias coletivas. Que esse carinhoso olhar sobre as pessoas idosas quilombolas perdure e se traduza em iniciativas concretas para a garantia de seus direitos e a promoção de uma sociedade que os acolha e respeite em sua plenitude.

Palavras-chaves: Práticas educativas. Quilombo. Idosos. Relações Intergeracionais. Saberes.

ABSTRACT

Studying the memories of quilombola communities is a fruitful way of understanding the Intergenerational Education practices of these communities, as it is a space that nurtures transformative debates, capable of bringing knowledge, skills and new values to the daily lives of the elderly. This theme was investigated on a journey with the Postgraduate Program in Education at the Federal University of Tocantins (PPGE/UFT) in the State, Society and Educational Practices line. This work is a qualitative, phenomenologically-based study, the general aim of which was to understand and describe the experience lived by these individuals, from their own perspective and experience. This approach involved the Ilha de São Vicente quilombola community, which belongs to the legal Amazon, in the municipality of Araguatins - Tocantins. Thus, the three specific objectives of this publication are also phenomenological: to explore interests in educational practices with people in quilombola communities in the Legal Amazon; to reveal perspectives on relationships with older people in the municipality of Araguatins - Tocantins; and to understand the experiences involved in education with older people in the Ilha de São Vicente community. The phenomenological approach made it possible to identify common themes, patterns of meaning and unique perspectives of elderly quilombolas in relation to their connection with UMA/UFT's educational practices with the elderly. The research explored different aspects, focusing on educational practices and intergenerational relations, as well as observing the relationship between UMA/UFT and the quilombola community in its pedagogical practices. To this end, the following guiding question was raised: "How does the experience of elderly people at UMA/UFT reach elderly people in the Ilha de São Vicente quilombola community, which belongs to the legal Amazon, in the municipality of Araguatins - Tocantins? The University of Maturity (UMA) is a project that has worked - some examples of its success are presented in the body of the text). According to the results of practices in quilombola communities, there is a need to set up a UMA/UFT center in the city of Araguatins to assist quilombolas in the municipality. This same center could benefit elderly people from three other quilombos in nearby municipalities, since, according to the actions and visits, the population has shown acceptance and interest in strengthening ties with UMA/UFT. By writing this dissertation, we believe it is possible to see the importance of promoting an inclusive and respectful society for the elderly, recognizing their fundamental role in passing on knowledge and building collective memories. May this affectionate view of elderly quilombolas continue and be translated into concrete initiatives to guarantee their rights and promote a society that welcomes and respects them to the full.

Key-words: Educational practices. Quilombo. Elderly. Intergenerational relationships. Knowledge.

LISTA DE ILUSTRAÇÃO

Imagem 1- Recorte da página da UMA/UFT na Internet.	40
Imagem 2 - Mapa 1: Distância entre Palmas e a comunidade quilombola Ilha de São Vicente	43
Imagem 3 - Princípios orientadores para a Década do Envelhecimento Saudável.	46
Imagem 4 - Mapa 2: Estado do Tocantins, o Município de Araguatins e a comunidade remanescente de quilombo Ilha de São Vicente em destaque.	55
Foto 1 - Mestranda junto com três líderes da UMA/UFT.	39
Foto 2 - Grupo de Dança da UMA/UFT, de Palmas - TO	41
Foto 3 - Aula na UMA/UFT em Araguaína.	44
Foto 4 - Palestras com pessoas idosas da UMA/UFT, durante o Encontro Nacional da UMA.	48
Foto 5 - Casa de uma quilombola idosa foto realizada durante a primeira visita.	50
Foto 6 - Momento intergeracional no encontro de família.	52
Foto 7 - Ação dia do idoso na comunidade quilombola.	53
Foto 8 - Registro de uma das visitas às pessoas idosas quilombolas da Ilha de São Vicente.	56
Foto 9 - Família Barros no encontro de Família 2022.	58
Foto 10 - Pesquisadora e Pedro Barros em uma das visitas a comunidade.	59
Foto 11 - Plantio de Ipê em homenagem a Fátima Barros	61

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Categorias de Análises Temáticas (CAT) dos resultados de uma pesquisa sobre práticas educativas com pessoas idosas quilombolas da Amazônia Legal	35
Tabela 2 - Tabela 2: Polos da UMA/UFT em 2023	38
Tabela 3 - Tabela 3 - Categorias de Análises Temáticas para Itinerários Formativos encontradas na publicação: “Pacto Nacional da Pessoa Idosa: narrativa das comunidades quilombola de Araguatins - TO e comunidade indígena Xerente de Tocantínia - TO”	45
Tabela 4 - Outras denominações para comunidades negras rurais	57

LISTA DE SIGLAS

AVC	Acidente Vascular Cerebral
CEP	Comitê de Ética em Pesquisa Humanas
CF	Constituição Federal
FCP	Fundação Cultural Palmares
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
OMS	Organização Mundial da Saúde
OPAS	Organização Pan-Americana da Saúde
PPP	Projeto Político-Pedagógico
PPGE	Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Sociedade
UMA	Universidade da Maturidade
UFT	Universidade Federal do Tocantins

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	13
2 CAMINHOS PERCORRIDOS.....	20
2.1 Memorial.....	24
3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	26
4 RESULTADOS E ANÁLISE	33
4.1 A Universidade da Maturidade (UMA).....	41
4.2 O polo da UMA em Araguaína.....	37
4.3 A primeira visita à Ilha de São Vicente.....	48
4.4 Dia da Pessoa Idosa.....	52
4.5 O quilombo Ilha de São Vicente.....	54
4.6 A Família Barros.....	58
4.7 A contação de histórias e a transmissão de saberes.....	60
4.8 Memórias, gerações e relações intergeracionais	63
4.9 Significados históricos, imaginário social e ressemantização do termo quilombo.....	65
4.10 Relato de vivências dos quilombolas.....	67
4.11 O sonho UMA Quilombola.....	72
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	77
6 REFERÊNCIAS.....	79

1 INTRODUÇÃO

O Estatuto da Pessoa Idosa, atualizado pela Lei nº 14.423, de 2022, estabelece uma série de direitos e responsabilidades em relação às pessoas idosas (BRASIL, 2003). Essa que é uma parte importante da legislação brasileira, declara que é obrigação da família, da comunidade, da sociedade e do poder público garantir, com absoluta prioridade, a efetivação dos direitos fundamentais das pessoas idosas, visando assegurar-lhes uma vida digna e plena.

Investigou-se essa temática em jornada junto ao Programa de Pós Graduação em Educação, da Universidade Federal do Tocantins (PPGE/UFT) na linha Estado, Sociedade e Práticas Educativas, primeiro com uma visão mais legalista, tendo como referência o Estatuto; contudo, depois de nossa caminhada, ampliamos para conceitos sociológicos e filósofos sobre o direito fundamental garantido pelo Estatuto “o direito à qualidade de vida para quem envelheceu” (BEAUVOIR, 2018). Compreende-se, portanto, que as pessoas idosas devem ser protegidas de qualquer forma de negligência, discriminação, violência ou abuso (NOLETO *et al.*, 2020). Além disso, têm o direito à saúde, que inclui acesso a serviços médicos, tratamentos adequados, prevenção de doenças e promoção do bem-estar físico e mental (BOTH, 1999).

A cultura, o lazer e o esporte estão entre os direitos garantidos pelo Estatuto. Portanto, as pessoas idosas têm o direito de participar de atividades culturais, como música, dança, teatro, e também de praticar esportes e atividades físicas que contribuam para a saúde e o bem-estar (PAZ; ALEXANDRINO; PEREIRA, 2009). Ou seja, elas têm o direito de desfrutar de momentos de descanso, entretenimento e diversão, promovendo, assim, a qualidade de vida e a sociabilidade (OSÓRIO; ANDRADE, 2000). E assim, seguindo essa visão, divulga-se aqui um trabalho em que se abordou, dentre outras temáticas de valor fenomenológico, a garantia às pessoas idosas de continuar trabalhando, se assim desejarem, desde que respeitadas suas capacidades e limitações.

Neste caminho, vivencia-se a Universidade da Maturidade, da Universidade Federal do Tocantins (UMA/UFT), uma Tecnologia Social tocantinense que promove a cidadania como um direito essencial, e engloba a participação das pessoas idosas na vida política, social e comunitária (DE SANTANA, 2020). Espaço distribuído em polos no Estado do Tocantins e em outros Estados brasileiros, com práticas educativas que visam

divulgar a pessoa idosa como cidadão capaz de exercer plenamente sua cidadania, sem qualquer forma de discriminação (BRITO, 2022).

Em suma, pretendeu-se ir além do Estatuto da Pessoa Idosa: objetivou-se somar com a visão fenomenológica, com os resultados alcançados neste trabalho e colaborar na busca de garantir uma série de direitos fundamentais às pessoas idosas, auxiliar aqueles que desejam e que trabalham pela promoção da qualidade de vida, bem-estar e integração plena na sociedade dos seres humanos que envelheceram (MORIN, 2013). Sabedores de que estamos cumprindo uma obrigação, enquanto cidadãos, pois a responsabilidade é de todos (família, comunidade, sociedade e poder público) para assegurar o cumprimento de direitos das pessoas idosas e promover, assim, uma sociedade mais inclusiva e justa (FREIRE, 2011).

Nesse caminhar há o envolvimento das histórias contadas, por acreditar que ela é uma forma de transmissão de saberes, valores e crenças de um grupo social para outro. Defende-se a importância dessa prática no dissertar, pois acredita-se que ela garante as continuidades e o fortalecimento de suas tradições culturais, além de possibilitar o diálogo entre gerações e a socialização de crianças, jovens e pessoas idosas (OLIVEIRA *et al.*, 2023). Conforme os resultados desse trabalho, a contação de histórias é um importante instrumento de educação e de promoção da cultura de um povo.

As ações desse trabalho alcançaram uma comunidade quilombola tocantinense: o Quilombo da Ilha de São Vicente, que fica a 635 (seiscentos e trinta e cinco quilômetros) de Palmas, a capital do Estado do Tocantins. Constatou-se ali, um lugar de preservação ambiental que torna o local ainda mais especial. De modo que, nos caminhos de Merleau-Ponty (2018), descobriu-se uma realidade que é divulgada no presente trabalho, com o apoio da Associação de Moradores local, que tem como objetivo principal “a manutenção e a melhoria das condições de vida da comunidade, bem como a preservação do meio ambiente, visto que esse possui uma beleza natural, cercada por palmeiras e vegetação rica” (ASSOCIAÇÃO, 2022).

Disserta-se brevemente sobre o início da história enquanto comunidade remanescente de quilombo, pois a Ilha de São Vicente se deu após o período de abolição da escravatura, em que Vicente Bernardino, “dono” dos negros que posteriormente formaria todo o legado da família Barros, é referência na história desta comunidade quilombola. Lopes (2012), Cruz e Torres (2022), corroboram com uma das referências utilizadas sobre “Quilombo”, ao afirmar que no imaginário da maioria da população é um

termo que ainda fica associado a/aos negros/as fujões/nas que não se ajustavam aos domínios coloniais e seu sistema escravista que perdurou por quase quatro séculos no Brasil, sendo este país latino, o último a libertar seus/suas trabalhadores/as afrodescendentes.

Outros autores locais também seguem essa descrição, e ainda citam que uma vez sem poder para manter os negros sobre seu domínio como mercadoria, Vicente Bernardino, o fundador da cidade de Araguatins, diante de toda a pressão do momento, vê-se obrigado a libertá-los. Esse é o momento que os manda para ilha, para trabalhar e viver do seu sustento. Essa ideologia remete a Freire (2011), Gadotti (2016) e outros entusiastas da educação brasileira, ao passo que, ao relatar as histórias de um povo, toma-se os devidos cuidados em considerar as respectivas peculiaridades, como respeitar suas memórias e destacar aquelas que fossem ao encontro dos objetivos nesta produção.

Esta construção foi realizada com a finalidade de descrever vivências intergeracionais, revisões e análises bibliográficas, práticas educativas e outros achados que envolvem a UMA/UFT e a comunidade quilombola Ilha de São Vicente, dois espaços pertencentes à Amazônia Legal. E entre as justificativas desta divulgação, cita-se o relacionamento entre as gerações, marcada por conflitos, mas que pode ser produtiva e transformadora, desde que se processe uma fina sintonia na dialética estabelecida entre a necessária renovação de valores e a continuidade das tradições culturais, tradições estas que estão em constante transformação, assim como apontado por Guimarães (2014), Cruz e Torres (2022) ao definirem relações intergeracionais como “o termo utilizado para referir-se às relações que ocorrem entre indivíduos pertencentes a diferentes gerações”. Portanto, a intergeracionalidade pode ser um caminho para o aperfeiçoamento, para o crescimento, para a melhoria das relações humanas.

O objetivo geral desse trabalho é fenomenológico (MERLEAU-PONTY, 2018), ou seja, investigar pessoas idosas quilombolas, compreendendo e descrevendo a experiência vivida por esses indivíduos, a partir de sua própria perspectiva e vivência. Essa abordagem envolve a comunidade quilombola Ilha de São Vicente, pertencente à Amazônia legal, no município de Araguatins – Tocantins, local onde buscou-se capturar a essência dos fenômenos, neste caso, a vivência das pessoas idosas quilombolas, e explorar seus significados, percepções, sentimentos e desafios específicos sobre a relação com a UMA/UFT.

E assim, também são fenomenológicos os três objetivos específicos desta publicação: 1) explorar interesses por práticas educativas com pessoas em comunidades quilombolas da Amazônia Legal; 2) revelar perspectivas de relações com pessoas idosas no município de Araguatins – Tocantins; e 3) compreender as vivências que envolve a educação com pessoas idosas na comunidade Ilha de São Vicente. Afinal, a fenomenológica permitiu identificar temas comuns, padrões de significado e perspectivas únicas das pessoas idosas quilombolas em relação à sua ligação com as práticas educativas com pessoas idosas da UMA/UFT.

Vale destacar que, para atingir esse objetivo, foi necessário realizar um estudo qualitativo em que as pessoas idosas quilombolas se sentissem bem com a presença e entrevistas realizadas. A abordagem ocorreu com a participação em dois grupos focais que permitiram a observação das experiências de forma aberta e livre. Um deles envolveu visitas da equipe da UMA/UFT na comunidade quilombola Ilha de São Vicente; o outro envolveu os estudos do Grupo Interdisciplinar para Pesquisas e Estudos em Educação Intergeracional e Altas Habilidades, da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (GPIEIIHA/Capes), ligados ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Tocantins (PPGE/UFT).

Explorou-se na pesquisa diferentes aspectos, com foco nas práticas educativas e nas relações intergeracionais, além de observar a relação da UMA/UFT com a comunidade quilombola, em suas práticas pedagógicas, desafios e expectativas de relacionamento institucional (BRITO, 2022). A análise fenomenológica permitirá identificar temas comuns, padrões de significado e perspectivas únicas das pessoas idosas quilombolas em relação à sua identidade, pertencimento, saúde, bem-estar, relações familiares, percepções de discriminação e outros aspectos relevantes para a compreensão da vivência do envelhecimento nessa comunidade específica (OSÓRIO; SILVA NETO; NUNES FILHO, 2022).

Assim, para o desenvolvimento desta pesquisa com enfoque fenomenológico, foram levantadas hipóteses relativas à relação da UMA/UFT e suas práticas em prol das memórias afetivas de pessoas idosas, suposições respondidas nas percepções percorridas nos resultados desta dissertação, com fundamento nas informações levantadas, principalmente por relatos obtidos por meio da vivência e em conformidade com a revisão bibliográfica utilizada para descrever e compreender o fenômeno, e não explicá-lo, não se preocupando com o buscar relações causais.

O enfoque foi no sentido de mostrar e não em demonstrar, e a descrição que está no corpo desta publicação segue, com rigor, o que se conseguiu para chegar à essência do fenômeno (MARTINS *et al.*, 1990), ou seja, estudou-se a busca da consciência, daquilo que é dado, buscando explorá-lo, a própria coisa que se percebe, em que se pensa, de que se fala, tanto sobre o laço que une o fenômeno com o ser de que é fenômeno, como sobre o laço que o une com o Eu para quem é fenômeno (MERLEAU-PONTY, 2018).

Desta forma, foi levantada a seguinte questão de referência: “Como a experiência vivida por pessoas idosas da UMA/UFT alcançam as pessoas idosas da comunidade quilombola Ilha de São Vicente, pertencente à Amazônia legal, no município de Araguatins – Tocantins? Neste direcionamento, a dissertação parte de uma proposta macro que visa descrever as memórias intergeracionais de duas comunidades que se encontram: uma da UMA/UFT e outra da comunidade quilombola Ilha de São Vicente pertencente ao município de Araguatins – Tocantins, e ambas parte da Amazônia legal.

Foi necessária a divisão desta busca em etapas, pela necessidade prévia de estabelecer a conexão e conhecimento documental a respeito das duas comunidades e então delinear de forma clara a metodologia de trabalho a ser utilizada com os participantes do estudo. Assim, na primeira parte do projeto foi feita a revisão bibliográfica e documental, tendo como base para a pesquisa os seguintes documentos: documentos de Araguatins – Tocantins, documentos da história da comunidade quilombola Ilha de São Vicente e documentos da UMA/UFT.

Na segunda parte, que aconteceu concomitantemente à primeira, vivenciou-se momentos nas duas comunidades: ora na UMA/UFT, ora na comunidade quilombola Ilha de São Vicente, ambas descritas nos resultados desta produção, em que os dados foram obtidos a partir de entrevistas e de uma observação direta nas duas comunidades.

Portanto, trata-se de um estudo do tipo qualitativo, fundamentado no método fenomenológico, constituído de duas fases interligadas, sendo o primeiro momento, bibliográfico, descritivo, de caráter exploratório, e o segundo momento uma pesquisa de campo, realizada por meio de caderno de observação e registros fotográficos, práticas acadêmicas que exigiram informações compartilhadas aqui, além da descrição dos fatos e fenômenos da realidade vivenciada (TRIVIÑOS, 1987).

A escolha pela abordagem qualitativa se deu porque a preocupação não é diretamente o estudo do fenômeno em si, mas a significação que ele ganha para os que o

vivência (TURATO, 2005). Afinal, essa abordagem busca a compreensão de duas realidades distintas, mas ambas com o mesmo fenômeno: o envelhecimento humano. Daí, não foi priorizado a quantificação, ou outras representatividades numéricas, mas, sim, o aprofundamento da compreensão dos sujeitos das duas comunidades. Nessa perspectiva, fez-se um esforço máximo para não ser cometido julgamentos, preconceitos e crenças, para que esses não influenciassem nos resultados divulgados e discutidos (GERHARDT; SILVEIRA, 2009; GOLDENBERG, 1997, p. 34).

Afinal, seguiu-se a fenomenologia e preocupou-se em descrever o fenômeno, e não o explicar. Assim, sugere-se que os resultados desse trabalho sejam úteis quanto à preocupação de se compreender a UMA/UFT e sua relação com a comunidade quilombola da Ilha de São Vicente. Ou seja, a pesquisa também envolve o autor do trabalho com suas experiências e análises peculiares, pois enquanto participantes e vivenciadores da pesquisa, também há o relacionamento contínuo com os membros jovens e adultos e pessoas idosas da UMA/UFT e da comunidade quilombola Ilha de São Vicente.

Entre os critérios de inclusão estão as percepções e vivências com as pessoas idosas, acima de 60 (sessenta) anos, residentes na comunidade quilombola Ilha de São Vicente, de ambos os sexos. Ao passo que nos critérios de exclusão optou-se por não divulgar no trabalho as outras percepções na relação com crianças, jovens e adultos. Ainda, destaca-se que essa coleta de dados foi realizada no período de novembro de 2021 a abril de 2023, em função da devida anuência do representante da UMA/UFT e do representante legal da comunidade quilombola da Ilha de São Vicente.

Além disso, o projeto que envolve essa produção encontra-se cadastrado e submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa, da Universidade Federal do Tocantins (CEP/UFT), e segue as recomendações de apresentação, assinatura e guarda de documentos, como, por exemplo, o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Sobre isso, são divulgados e descritos mais detalhes sobre essas informações na parte deste trabalho nomeado de “Caminhos Percorridos”.

Ainda faz parte desta dissertação outros subcapítulos em que divulgou-se informações sobre: a) a Universidade da Maturidade (UMA); b) o polo da UMA em Araguaína - Tocantins; c) as percepções e descrições das visitas à Ilha de São Vicente; d) os sentimentos de um dos eventos vivenciados na comunidade, na data do “Dia da Pessoa Idosa”; e) o que encontrou-se sobre o Quilombo Ilha de São Vicente; f) a “Família Barros”, que envolveu com mais aproximação a pesquisadora em seu universo fenomenológico; g) a revisão bibliográfica a

respeito de práticas educativas por meio da contação de histórias e a transmissão de saberes; h) apontamentos sobre memórias, gerações e relações intergeracionais; i) significados históricos, imaginário social e ressemantização do termo quilombo; j) relatos de vivências com os quilombolas; e k) o sonho da UMA Quilombola. Além disso, há as considerações finais e referências utilizadas.

Portanto, a dissertação aborda uma ampla gama de tópicos relacionados à vivência e experiência com pessoas idosas, explorando diferentes aspectos da Universidade da Maturidade (UMA), em seu polo na cidade de Araguaína – Tocantins e suas relações e vivências em visitas à comunidade quilombola da Ilha de São Vicente, além dos sentimentos da pesquisadora durante o evento do "Dia da Pessoa Idosa" e sua relação próxima com a Família Barros, conjunto que buscou encaminhar para uma revisão bibliográfica sobre práticas educativas por meio da contação de histórias e transmissão de saberes, memórias, gerações e relações intergeracionais, a ressemantização do termo quilombo e o sonho da UMA Quilombola na Região da Amazônia Legal.

Ao final da dissertação, julga-se ser possível observar a importância de promover uma sociedade inclusiva e respeitosa com as pessoas idosas, ao reconhecer seu papel fundamental na transmissão de saberes e na construção de memórias coletivas, bem como outras contribuições que o cidadão que envelheceu pode colaborar (BEAUVOIR, 2018), com destaque para a valorização da cultura quilombola, preservação de suas tradições e promoção do acesso igualitário à educação e saúde de pessoas idosas do Quilombo.

Que essas reflexões possam inspirar ações concretas, políticas e programas que efetivamente promovam a inclusão e o bem-estar das pessoas idosas quilombolas, celebrando suas trajetórias e honrando suas contribuições para a construção de uma sociedade mais igualitária. Que esse carinhoso olhar sobre as pessoas idosas quilombolas perdure e se traduza em iniciativas concretas para a garantia de seus direitos e a promoção de uma sociedade que os acolha e respeite em sua plenitude.

2 CAMINHOS PERCORRIDOS

2.1 A busca por documentos

Para alcançar os objetivos deste estudo, a coleta de dados foi realizada em cinco etapas, conforme descritas abaixo, e aconteceram de modo qualitativo, por meio de observações e análises documental, nas dependências da Universidade da Maturidade da Universidade Federal do Tocantins (UMA/UFT) e da comunidade quilombola da Ilha de São Vicente, em Araguatins – TO.

A primeira etapa foi uma revisão bibliográfica (LAKATOS; MARCONI, 2003) produzida para levantar os elementos teóricos necessários para fundamentar a temática, tendo como principais referências os trabalhos sobre as relações intergeracionais em comunidade quilombola, e a sobre influência das pessoas idosas na construção de memórias afetivas.

Concomitantemente, mas planejada como segunda etapa, formalizou-se a pesquisa junto à Associação da Comunidade Quilombola, momento no qual fez-se duas reuniões no local e disponibilizou-se uma cópia do projeto de pesquisa e uma cópia do parecer consubstanciado ao presidente da Associação. Nestes encontros, fez-se esclarecimentos sobre o que é a pesquisa, seus objetivos, procedimentos, riscos e benefícios. Após a anuência do representante concordando em integrar a pesquisa e compartilhar documentos, solicitou-se a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

Entre os documentos alcançados, estão: o Estatuto Social, com as regras e normas da associação, incluindo sua finalidade, os direitos e deveres dos associados, a estrutura organizacional, os processos de eleição da diretoria, entre outras informações relevantes; as Atas de Assembleias, com o registro das reuniões realizadas pela associação, onde foram tomadas decisões importantes; Regimento Interno, sendo um documento complementar ao estatuto, que estabelece as normas e procedimentos internos da associação – nele foram encontradas informações sobre o funcionamento das assembleias, processos de eleição, comissões internas, entre outros aspectos específicos da organização; e o Livro de Registro de Associados, onde encontrou-se as informações de todos os associados da associação.

Na terceira etapa foram selecionados os documentos. Posteriormente, foram analisados por meio de procedimentos recomendados por Bardin (2011), com destaque para aqueles que envolvessem as práticas intergeracionais com pessoas idosas, ligadas à Universidade da Maturidade, da Universidade Federal do Tocantins (UMA/UFT), e relacionados ao trabalho da Tecnologia Social junto à comunidade quilombola da Ilha de São Vicente, de modo que, entre os documentos, está o Projeto de Extensão, o documento que descreve o programa de extensão universitária, incluindo sua justificativa, objetivos, público-alvo, atividades a serem desenvolvidas, metodologia, cronograma e recursos necessários.

Também utilizou-se o Plano de Trabalho, um documento mais detalhado que descreve as ações a serem realizadas no programa de extensão, incluindo as atividades específicas, os responsáveis por cada atividade, os prazos e os recursos necessários. O plano de trabalho serve como guia para a execução do programa. Contêm alguns Termos de Compromisso, ligados aos compromissos formais entre a UMA/UFT e as partes envolvidas no programa de extensão, como os colaboradores, parceiros externos ou instituições beneficiadas.

Há os Relatórios de Atividades, com resultados periódicos que descrevem as atividades realizadas na UMA/UFT, os resultados alcançados, os desafios enfrentados e as lições aprendidas. Esses relatórios foram importantes para a compreensão e para a avaliação do impacto da UMA/UFT, principalmente na parte que envolveu as ações realizadas na comunidade quilombola da Ilha de São Vicente.

Vale destacar que, diante do formato do projeto UMA/UFT, alcançou-se outros documentos da instituição, a saber: o Projeto Político Pedagógico que estabelece as normas, diretrizes e procedimentos da UMA/UFT, incluindo sua missão, visão, valores, regras disciplinares, critérios de avaliação, organização curricular, entre outros aspectos relevantes (BARDIN, 2011). O PPP da UMA/UFT escolar serviu como guia para a compreensão da gestão da Tecnologia Social e como referência para as atividades desta pesquisa.

Ainda nesta etapa, alcançou-se o Calendário de atividades da UMA/UFT, um documento com o cronograma anual da unidade, incluindo as datas de início e término das aulas, recessos, feriados, períodos de avaliação, reuniões de pais e eventos escolares. Referenciado no Projeto Político-Pedagógico, foi possível compreender os princípios, objetivos, metodologias e recursos pedagógicos adotados pela UMA/UFT. Além disso, os

Relatórios com os registros sobre o progresso das atividades em relação aos objetivos e outros documentos assinados pelos participantes foram importantes para a compreensão sobre os direitos e deveres das partes envolvidas, incluindo as obrigações financeiras, as políticas de frequência, a adesão, entre outros aspectos das parcerias.

Na etapa 4 houve a continuidade da coleta de dados com os participantes das atividades junto à comunidade da Ilha de São Vicente, um grupo de pesquisadores que atuam na região, junto ao polo da UMA/UFT de Araguaína – TO. Para a realização desta etapa foi realizado agendamentos prévios, junto aos representantes, e para facilitar o deslocamento até os locais do encontro, os acordos envolveram as possibilidades de transporte e condições de atendimento das partes (TRIVIÑOS, 1987).

Na quinta etapa foram realizadas as análises, tabulações, seleção de fotos e imagens, bem como a elaboração deste documento final, fundamentado nos dados coletados, bem como na revisão bibliográfica, realizada a partir da primeira etapa, ao passo que, para a análise dos dados dessa pesquisa, foram observados os documentos citados, segundo os pressupostos de Bardin (2011). Ou seja, as análises corresponderam a três etapas, conforme os seguintes procedimentos, de acordo com a literatura:

1- Pré-análise (BARDIN, 2011): Realizou-se a exploração do material pela leitura compreensiva, sistematizando os objetivos do projeto de pesquisa e identificando as práticas de educação em saúde realizadas na comunidade quilombola da Ilha de São Vicente;

2- Exploração do material (BARDIN, 2011): Descreveu-se o conteúdo selecionado, proporcionando categorizar e contextualizar as práticas identificadas em eixos, metodologias ativas e metodologias tradicionais, oportunizando a descrição do conteúdo e as inferências com os referenciais bibliográficos;

3- Tratamento dos resultados obtidos e interpretação (BARDIN, 2011): Foi analisado e interpretado o material categorizado, a fim de elaborar discussões do conteúdo extraído. Foi desenvolvido em formato de textos a percepção dos pesquisadores sobre a efetividade da prática de educação em saúde realizada com os usuários.

Quanto aos aspectos éticos, o projeto foi submetido à análise e anuência do presidente da associação da comunidade quilombola da Ilha de São Vicente, para o desenvolvimento desta. Em seguida, o projeto de pesquisa foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade Federal do Tocantins, através do cadastrado na

Plataforma Brasil, com vistas a atender os preceitos éticos da Resolução CNS nº 466/12, que normatiza pesquisas envolvendo seres humanos (BRASIL, 2012).

Também apresentou-se aos participantes do estudo da UMA/UFT em Palmas e da UMA/UFT Polo de Araguaína – TO, com o alcance dos respectivos Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), para apreciação dos documentos e, após aceitação, assinatura das vias.

Vale ressaltar que a participação dos envolvidos em suas seções de documentos foi voluntária e os que se recusaram em participar, não tiveram qualquer penalidade (TRIVIÑOS, 1987). Ainda, enfatiza-se que depois de consentirem em entregar cópias dos documentos, os participantes poderiam desistir de continuar participando, com o direito e a liberdade de não registro de qualquer parte dos documentos cedidos nesta pesquisa (BARDIN, 2011).

A pesquisa foi acompanhada por uma professora orientadora do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFT, com uma revisão constante do projeto de pesquisa e das etapas de desenvolvimento, para que em nenhum momento ocorresse o afastamento dos objetivos e métodos propostos no projeto inicial.

A pesquisa envolveu documentos da comunidade quilombola da Ilha de São Vicente, com a análise de documentos da Associação da comunidade, com esclarecimentos a respeito dos benefícios desta participação na pesquisa, a possibilidade de múltiplas vivências de interpretações sobre si mesmo e suas construções sociais, sua relação com a família e as diversas gerações, com o mundo de forma interativa e dinâmica (TRIVIÑOS, 1987).

Ao longo da dissertação, é possível compreender, ao descrever a riqueza e complexidade do que se percebe nos documentos, em experiências vividas por pessoas idosas envolvidas nesses contextos (BARDIN, 2011), além das informações sobre a UMA/UFT e seu polo em Araguaína – TO, que mostraram a importância dessas instituições no fomento do aprendizado contínuo e da valorização das pessoas idosas na sociedade.

Desse modo, essas percepções e descrições envolvem o trabalho de visitas à comunidade quilombola da Ilha de São Vicente que, por sua vez, proporcionaram uma visão mais profunda da vida e cultura dessa comunidade quilombola, ressaltando a importância de preservar suas tradições e identidade (BARDIN, 2011).

Daí, tem-se os relatos sobre o evento do "Dia da Pessoa Idosa" que revelaram os sentimentos e emoções despertados nessa celebração, destacando a importância de reconhecer

e valorizar as pessoas idosas na sociedade, tendo em vista que a investigação da comunidade quilombola da Ilha de São Vicente contribuiu para uma compreensão mais ampla de sua história, significados históricos e ressemantização do termo Quilombo (BARDIN, 2011).

Além disso, são relatadas percepções quanto à proximidade da pesquisadora com a Família Barros, que permitiram uma imersão mais profunda no universo fenomenológico dos documentos estudados, enriquecendo a pesquisa e a própria revisão bibliográfica a respeito de práticas educativas, memórias, gerações e relações intergeracionais, que, por sua vez, trouxeram embasamento teórico e contextual para a compreensão dos temas abordados (TRIVIÑOS, 1987).

2.1 Memorial

Peço licença aos quilombolas e seus ancestrais da comunidade quilombola Ilha de São Vicente, para minha apresentação. Tomarei referência ao ritual de apresentação, que eles usam quando irão se apresentar.

Elizângela Mendes Sousa Carneiro, filha de Antonio Osmar de Sousa e neta de Antonio Francisco de Sousa e Maria Jovelina da Conceição, filha de Maria Dina Mendes Sousa e neta de Amancio Mendes e Julia Fernandes de Oliveira. É a mais nova de onze irmãos. Os pais: dois negros que tiveram o último filho já aos quarenta anos. Na época moravam em terras dos fazendeiros onde produziam para o patrão e para seus sustentos, e assim foi por muitos anos. Pela necessidade de escolarização dos filhos, mudaram para a cidade mais próxima. Os pais eram analfabetos. Viam como esperança os estudos dos filhos. Isso é enfatizado na seguinte expressão dita por eles: “O único jeito do pobre crescer é estudando”.

Uma infância marcada pela ausência de pessoas idosas no convívio. Os avós paternos foram perdidos antes mesmo dos seu nascimento. Em relação aos avós materno, com o avô, teve algum contato ainda aos oito meses de idade, mas as memórias não foram construídas. A lembrança trazida da avó materna (a mais lúcida das lembranças por volta dos três a quatro anos de idade), é de uma idosa baixinha com as pernas forquilhadas “abertas” que sempre estava tentando abrir uma lata de leite para comer. Posteriormente foi possível compreender que ela tinha demência, que cresci ouvindo “A mamãe caducou cedo”. Mamãe era como minha avó materna. Era chamada pelos filhos e netos. Os tios

não eram pessoas idosas, por isso que talvez até seja incomum a primeira infância marcada quase pela ausência total de pessoas idosas.

Aos cinco anos de idade fui privilegiada como a primeira da família a ir à escola com essa idade, pois meus irmãos foram para escola mais tarde, pois moravam na roça. No ensino fundamental foram os meus primeiros passos construídos memória afetivas com pessoas idosas. Na escola tinha um vigia, o Sr. João, amável aconselhador e muito respeitoso. Era o senhor que resolvia os conflitos.

Cabe salientar que neste período de pré-adolescência foi muito conflituoso, mas seu João sempre tinha um bom conselho e uma solução para os problemas tido como difíceis. Um marco importante e que vale ser mencionado no ensino Médio: a biblioteca da escola em que *eu* cursava o ensino Médio, tinha um professor bibliotecário chamado Sr. Osmena. Era um professor idoso, sempre um incentivador: via um potencial na gente. Ele adorava fazer indicações para leitura, além de doar livros e que alguns os guardo até hoje.

Estudante de escola pública e com muitas necessidades, somente estudar não era algo que fosse possível, então tinha que trabalhar como doméstica, e foi nesse primeiro emprego que conheci e convivi com uma idosa que tinha Alzheimer. Naquela época pouco se falava da doença, eu estava lá para fazer os serviços domésticos e a comida; porém, sempre que a Dona Naide vinha passar uns tempos na casa da filha, eu cuidava dela.

Inúmeras vezes ela me olhava ainda na mesa terminando almoço e perguntava: “minha filha e eu já comemos hoje?” Eu ficava impressionada como podia não lembrar que comi se ainda nem saímos da mesa. Convivemos durante três anos, e então saí. Queria fazer cursinho e sonhava em fazer uma faculdade. As demandas com serviços domésticos eram exaustivas.

Na Universidade foi um processo muito rico, com muito aprendizado. Esse período foi marcado por dores e traumas, principalmente a partir do segundo ano de graduação. A minha mãe aos 65 anos teve o seu primeiro AVC (Acidente Vascular Cerebral). Foi um período para ressignificar. De repente tínhamos uma idosa acamada, e foi difícil para ela e para todos que convivia diariamente nesta época, já que não residia mais em casa. Tive uma crescente vontade de desistir de tudo e voltar pra casa para cuidar dela, mas ela sempre insistia que eu tinha que continuar estudando. O olhar e as concepções acerca das pessoas idosas que mudaram você se sensibiliza quando convive, quando faz parte da sua realidade.

Foram cinco anos acamada e durante esse período ela teve quatro AVC's. A cada crise uma nova seqüela que tínhamos que aprender a conviver. Cinco meses antes da minha formatura na graduação, infelizmente ela (Dona Maria Dina), veio a falecer, mas seu legado ficou: a semente que ela plantou, germinou.

Após a graduação e já na carreira docente, veio o interesse por algo a mais: o tão sonhado mestrado, embora estar ciente de que não seria algo simples ou fácil. A essa altura já havia casado e tinha uma filha bebê. Retornar a vida acadêmica foi um processo difícil.

A busca pela qualificação me fez procurar por seletivos de programas de mestrados. Comecei a estudar a respeito das linhas de pesquisa e uma especificamente me tocou: o mestrado acadêmico em Educação, que apresentava duas linhas de pesquisa, sendo a linha 1 “Currículo, Formação de Professores e Saberes Docentes” e a linha 2 “Estado, Sociedade e Práticas Educativas”. Dentro da linha 2, uma área chamou muito a minha atenção: “Práticas Educativas, Educação Intergeracional, Gerontologia”. Foi aqui que o PPGE/UFT me apresentou a UMA-UFT de uma forma muito especial. Era uma oportunidade ímpar para a vida, e em especial a Dra. Neila Osório estava dando para estudar a Intergeracionalidade. Compreender porque aqueles conflitos familiares eram tão presentes, entender por que carregamos tantos traços dos nossos avós, como eles influenciam na construção da nossa identidade.

Além dessa honra, a Dra. Neila é um ser muito a frente, me oportunizando pesquisar sobre os povos originários. Uma oportunidade para conhecer melhor sobre o contexto da minha ancestralidade. Com isso, apresento a comunidade quilombola Ilha de São Vicente, a primeira que conheço de forma direta. Tenho uma proximidade e um imenso carinho. A sensibilidade da Doutora Neila em relação a comunidade quilombola é impressionante como ela tem um olhar sensível para esse público, em especial as pessoas idosas, grupo que ainda é muito esquecido na sociedade e nós buscamos dar visibilidade.

3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

À medida que a expectativa de vida aumenta em todo o mundo, compreender os processos associados ao envelhecimento se torna fundamental para garantir uma qualidade de vida saudável para pessoas idosas. Para Lopes (2020), o envelhecimento recebe diferentes significações sociais que são perpassadas pela cultura, produzindo

diversos sentidos individuais. Nesse sentido, Brasil (2003) disserta que, a pessoa idosa é a pessoa com idade igual ou superior a 60 anos.

De acordo com o IBGE (2022), a parcela idosa da população brasileira, com 60 anos ou mais, subiu para 15,1% em 2022. Dez anos antes, em 2012, o percentual era de 11,3%. O envelhecimento é um processo contínuo que se inicia ao nascimento, de acordo com a biologia. O envelhecimento funciona como um processo morfológico que confere a degeneração das funções e estrutura dos sistemas orgânicos e células. Farinatti (2002) ressalta que, de forma geral, podem ser classificadas em duas categorias: as de natureza *genético-desenvolvimentista* e as de natureza *estocástica*. As primeiras entendem o envelhecimento no contexto de um *continuum* controlado geneticamente, enquanto as últimas trabalham com a hipótese de que o processo dependeria, principalmente, do acúmulo de agressões ambientais.

Um dos principais referenciais teóricos é o próprio Estatuto da Pessoa Idosa no Brasil (Lei nº 10.741/2003 e Decreto nº 6.214/2007). Afinal, o envelhecimento da população é uma realidade cada vez mais presente no Brasil e exige uma atenção especial para garantir os direitos e o bem-estar das pessoas idosas. Nesse contexto, o Estatuto da Pessoa Idosa, regulamentado pela Lei nº 10.741/2003 e pelo Decreto nº 6.214/2007, desempenha um papel fundamental na proteção e promoção dos direitos das pessoas idosas. Este texto visa abordar os principais pontos do Estatuto, destacando sua importância na garantia da dignidade e inclusão social das pessoas idosas no país.

Destaca-se que o Estatuto da Pessoa Idosa tem como finalidade assegurar os direitos fundamentais das pessoas idosas, promovendo sua autonomia, participação e igualdade na sociedade. Baseia-se em princípios como dignidade, respeito, autonomia, não discriminação, igualdade, participação e inclusão social (GADOTTI, 2016), ao passo que o Estatuto estabelece uma série de direitos e garantias fundamentais para as pessoas idosas, abrangendo áreas como saúde, assistência social, previdência, transporte, moradia, trabalho, cultura, esporte e lazer (KARASCH, 1996). Destacam-se direitos como o acesso à saúde, à alimentação adequada, ao transporte gratuito, à prioridade nos atendimentos, à participação em atividades culturais e esportivas e à proteção contra a violência e o abuso (FREIRE, 2011).

Além disso, estão no documento oficial as Medidas de Proteção, que preveem a adoção de medidas de proteção às pessoas idosas em situação de vulnerabilidade ou risco, como a criação de programas de acolhimento, instituições de longa permanência e

medidas judiciais de curatela ou tutela. Essas medidas visam garantir a proteção e o amparo das pessoas idosas que não possam exercer plenamente seus direitos (FREIRE, 2011).

E acreditamos ser oportuno destacar que as pessoas idosas têm prioridade em acesso aos serviços, com destaque para a prioridade e o acesso facilitado a diversos serviços públicos e privados, como saúde, transporte, atendimento bancário, lazer e cultura. As pessoas idosas têm direito a atendimento preferencial e especializado, visando garantir seu conforto, agilidade e respeito em todas as esferas da vida (GADOTTI, 2016).

Essa responsabilidade é do Estado e da sociedade, pois o Estatuto atribui ao Estado, à família, à sociedade e ao poder público a responsabilidade de assegurar a efetivação dos direitos das pessoas idosas, promovendo políticas públicas, programas e ações que visem sua inclusão, qualidade de vida e participação social plena. Também estabelece penalidades para o descumprimento das disposições previstas (KARASCH, 1996).

Sabendo que o crescimento populacional de pessoas idosas tem se elevado, faz-se necessário que sejam implementadas políticas e práticas educativas para esse público que tem aumentado consideravelmente (CAMACHO, 2010). Essa reorientação dos serviços para que valorizem o ambiente tradicional da pessoa idosa quilombola é um dos desafios relacionados à população idosa (FREIRE, 2011). Afinal, diante do envelhecimento populacional, é essencial repensar e reorientar os serviços públicos, com um enfoque especial na educação Intergeracional.

É necessário investir em estratégias preventivas e de promoção à saúde, de educação Intergeracional, além de capacitar os profissionais que atuam nesse campo, a fim de atender às demandas específicas da população idosa (OSÓRIO *et al.*, 2022). Além disso, é fundamental reconhecer o papel crucial do ambiente familiar das comunidades quilombolas como fonte de apoio e fortalecer as relações familiares para minimizar as dificuldades e angústias vivenciadas tanto por pessoas idosas quanto pelos seus familiares (DAYRELL, 2001).

A UMA/UFT promove a velhice ativa ao investir em ações preventivas e acompanhamento da pessoa idosa. A UMA em Araguaína – TO pertencente à Universidade Federal do Tocantins (UFT). Desempenha um papel central na promoção da velhice ativa na comunidade quilombola da Ilha de São Vicente. Nesse contexto, é de suma importância investir na etapa do cuidado voltada para as pessoas idosas, priorizando

ações preventivas, identificação de oportunidades e acompanhamento regular (GADOTTI, 2016). Ao reconhecer a importância desse investimento, a UMA/UFT fortalece a qualidade de vida das pessoas idosas, proporcionando-lhes oportunidades para um envelhecimento saudável e ativo (LEITE; FRANCA, 2016).

A promoção da velhice ativa começa com a implementação de ações preventivas voltadas para a saúde física, mental e emocional das pessoas idosas. A UMA/UFT oferece programas educacionais que visam conscientizar sobre a importância de um estilo de vida saudável, incluindo a prática regular de exercícios físicos, alimentação equilibrada e cuidados com a saúde. Além disso, ela fornece informações sobre a prevenção de doenças comuns na terceira idade, como hipertensão, diabetes e demência.

Destaca-se que a UMA/UFT desempenha um papel crucial na identificação de oportunidades para promover a velhice ativa na comunidade quilombola da Ilha de São Vicente. Isso é feito por meio da oferta de cursos, oficinas e atividades que estimulem o aprendizado contínuo, a participação social e a inserção das pessoas idosas em projetos de pesquisa e extensão. Além disso, é importante criar parcerias com instituições e programas locais que valorizem e incentivem a participação ativa das pessoas idosas, como centros de convivência, grupos de voluntariado e atividades culturais.

Um dos pilares para a promoção da velhice ativa é o acompanhamento regular das pessoas idosas. A UMA/UFT desenvolve programas que oferecem suporte contínuo das pessoas idosas, incluindo serviços de saúde preventiva, atendimento geriátrico e gerontológico, avaliação da capacidade funcional e apoio psicossocial. Esses serviços devem ser acessíveis e adaptados às necessidades específicas das pessoas idosas, garantindo que eles recebam o cuidado adequado ao longo do processo de envelhecimento.

Encontrou-se na busca teórica que a UMA/UFT, como instituição de ensino superior, possui o potencial e a responsabilidade de desempenhar um papel central na promoção da velhice ativa em nossa comunidade, ao investir em ações preventivas, identificação de oportunidades e acompanhamento regular das pessoas idosas. São pilares fundamentais para garantir um envelhecimento saudável, ativo e com qualidade de vida. Além de oferecer programas educacionais, criar parcerias com instituições locais e fornecer serviços de saúde especializados, a UMA/UFT demonstra seu compromisso em valorizar e cuidar das pessoas idosas, contribuindo para uma sociedade mais inclusiva e solidária para todas as gerações.

Vale destacar que o trabalho intitulado "A Velhice" é uma obra da renomada filósofa e escritora francesa Simone de Beauvoir (BEAUVOIR, 2018). Publicado em 1970 e traduzido por Maria Helena Franco Monteiro em 2018, o livro aborda questões fundamentais relacionadas ao envelhecimento e à experiência da velhice. Nesta obra, Beauvoir oferece reflexões profundas e críticas sobre as representações culturais e sociais da velhice, bem como as experiências vivenciadas pelas pessoas idosas (BEAUVOIR, 2018).

Simone de Beauvoir busca desconstruir os estereótipos e preconceitos associados à velhice. Ela critica a visão negativa e estigmatizada que a sociedade muitas vezes atribui aos idosos, rejeitando a ideia de que a velhice é sinônimo de decadência e inutilidade (BEAUVOIR, 2018). Ela destaca a importância de reconhecer a diversidade de experiências vividas pelos idosos e de valorizar suas contribuições para a sociedade (OSÓRIO, *et al.*, 2022).

Os autores que abordam a importância da liberdade e da autonomia na velhice enfatizam que, mesmo diante das limitações físicas e sociais que podem surgir com o envelhecimento, os idosos possuem a capacidade de buscar a realização pessoal e de exercer sua liberdade de escolha (LEITE; FRANCA, 2016). Desse modo, existe a necessidade de garantir que os idosos tenham oportunidades para viver de acordo com suas próprias vontades e desejos (OSÓRIO *et al.*, 2022).

Autores dessa linha também abordam as questões de gênero relacionadas à velhice e examinam como as experiências da velhice são influenciadas pelas construções sociais de gênero, destacando as desigualdades e discriminações enfrentadas pelas mulheres idosas, e chamam a atenção para as desvantagens adicionais que as mulheres enfrentam devido às normas sociais e às expectativas de gênero (LEITE; FRANCA, 2016).

A obra ressalta a importância das relações sociais na vida dos idosos. Obras assim destacam que o isolamento social pode ser um dos maiores desafios enfrentados pelos idosos, causando impactos negativos em sua qualidade de vida (BEAUVOIR, 2018). Ela enfatiza a necessidade de garantir que os idosos tenham oportunidades de participar ativamente da sociedade, de manter relacionamentos significativos e de se sentir integrados e valorizados.

Outra referência envolve o trabalho "Memória, Processos de Identificação Cultural e Desobediência Epistêmica na Comunidade Quilombola da Ilha de São Vicente em

Araguatins – TO", por abordar questões relacionadas à memória, identificação cultural e desobediência epistêmica na comunidade quilombola da Ilha de São Vicente, localizada em Araguaatins – TO (DE SOUSA, 2018; CRUZ E TORRES, 2022). Os autores buscam compreender como a memória coletiva, os processos de identificação cultural e a desobediência epistêmica desempenham um papel crucial na preservação e reafirmação da identidade quilombola nessa comunidade (MOURA, 2012).

Encontrou-se referências sobre a Memória Coletiva, com destaque para a importância da memória coletiva na comunidade quilombola da Ilha de São Vicente (GONÇALVES, 2018). Através da transmissão oral de conhecimentos, histórias, tradições e rituais, a memória coletiva se torna um elemento essencial para a preservação da identidade e cultura quilombola (DE SOUSA, 2018). Ela permite que as gerações mais jovens tenham acesso aos saberes ancestrais, fortalecendo sua identidade cultural e garantindo a continuidade das tradições quilombolas.

Além disso, segue-se processos de identificação cultural, que são os processos presentes na comunidade quilombola. Os moradores da Ilha de São Vicente mantêm vivas suas tradições, costumes e práticas culturais, reafirmando sua identidade quilombola. Essa identificação cultural é fundamental para a valorização e respeito à herança ancestral, além de promover o senso de pertencimento e coesão comunitária (DE SOUSA, 2018), de modo que, nessa desobediência epistêmica, é apresentada como uma estratégia adotada pela comunidade quilombola para desafiar e resistir aos discursos hegemônicos e às opressões históricas (DE SOUSA, 2018). Através da valorização de seus saberes e práticas, a comunidade rejeita visões estereotipadas e coloniais sobre sua identidade. A desobediência epistêmica permite que os quilombolas se afirmem como detentores de conhecimentos válidos e legítimos, reafirmando sua voz e agência.

Existem outras produções citadas sobre a comunidade quilombola da Ilha de São Vicente em Araguaatins – TO, que apresentam uma reflexão profunda sobre a importância da memória coletiva, processos de identificação cultural e desobediência epistêmica na preservação e fortalecimento da identidade quilombola (MOURA, 2012). A valorização da memória, o cultivo das tradições e a resistência aos discursos hegemônicos são elementos cruciais para a afirmação da identidade e luta por direitos dessa comunidade (FIABANI, 2012). Ao reconhecer e valorizar os saberes e práticas quilombolas, é possível promover a inclusão, igualdade e justiça social, contribuindo para uma sociedade mais diversa e equitativa.

Os documentos alcançados da Associação de Moradores do Quilombo da Ilha de São Vicente apresentaram desde a sua localização, em Araguatins – TO, como a importância da instituição no desempenho de um papel fundamental na representação e defesa dos interesses da comunidade quilombola. Como toda associação, observa-se que ela mantém uma série de documentos para garantir a transparência, organização e efetividade das ações desenvolvidas (ASSOCIAÇÃO, 2022). Neste texto, foram explorados alguns dos principais documentos, desde o seu Estatuto Social, Atas e alguns de seus Relatórios (DAYRELL, 2001).

Escolheu-se o Estatuto Social por ser um documento essencial que estabelece as regras e normas da associação, incluindo sua finalidade, os direitos e deveres dos associados, a estrutura organizacional, as formas de gestão, a maneira de conduzir as assembleias e processos eleitorais, bem como outras informações relevantes para o funcionamento da associação (ASSOCIAÇÃO, 2022). Já as Atas de Assembleias foram selecionadas por serem registros detalhados das reuniões realizadas pelos membros da associação. Elas contêm informações como data, horário, local da reunião, pauta discutida, decisões tomadas, bem como os nomes dos presentes e seus respectivos cargos. As atas são documentos importantes para documentar os processos de tomada de decisão e servem como referência para futuras consultas.

Além desses documentos, há os Relatórios que documentam as ações e projetos desenvolvidos pela associação ao longo do ano. Eles incluem informações sobre as atividades realizadas, os resultados alcançados, os desafios enfrentados, as parcerias estabelecidas e outras iniciativas relevantes. Esses relatórios são úteis para avaliar o desempenho da associação, demonstrar o impacto de suas ações e fornecer subsídios para o planejamento futuro (DAYRELL, 2001), ao passo que, de posse desses documentos essenciais para o funcionamento e gestão transparente da associação, é possível compreender seu compromisso em representar e defender os interesses da comunidade quilombola do Quilombo Ilha de São Vicente (ASSOCIAÇÃO, 2022).

4 RESULTADOS E ANÁLISE

Os resultados e análises desta dissertação estão organizados em dez Categorias de Análises Temáticas (CAT), (Tabela 1), pois as análises de conteúdos seguem Bardin (2011), e

foi a melhor forma que julgou-se favorável para auxiliar nas interpretações realizadas, dos quais são descritos uma jornada de descobertas e valorização de práticas educativas que alcançam pessoas idosas na Amazônia Legal, com a ajuda da Tecnologia Social e Universidade da Maturidade, da Universidade Federal do Tocantins (UMA/UFT), com o devido respeito a histórias e experiências de pessoas idosas quilombolas da Ilha de São Vicente, de Araguaína – TO.

De início são discorridas as percepções sobre a Universidade da Maturidade (UMA), um espaço dedicado ao aprendizado contínuo e ao enriquecimento pessoal de pessoas idosas, que reconhece e incentiva a participação ativa e a valorização do conhecimento adquirido ao longo da vida; depois, descreve-se o Polo da UMA em Araguaína – TO, uma das referências de expansão da Universidade da Maturidade para a região de Araguaína, região onde está o foco desse trabalho em busca de respostas sobre a promoção de oportunidades de aprendizado e integração social para as pessoas idosas quilombolas.

Tabela 1 – Categorias de Análises Temáticas (CAT) dos resultados de uma pesquisa sobre práticas educativas com pessoas idosas quilombolas da Amazônia Legal

Categoria de Análise Temática (CAT)	Principal Resultado
Universidade da Maturidade (UMA).	Um espaço dedicado ao aprendizado contínuo e enriquecimento pessoal de pessoas idosas.
Polo da UMA em Araguaína – TO.	Identificou-se uma referência na expansão da Universidade da Maturidade para a região norte do Tocantins.
Visitas à Ilha de São Vicente.	Imergiu-se e compreendeu-se mais profundamente a vida e as histórias das pessoas idosas quilombolas.
Vivência no "Dia da Pessoa Idosa".	Foi possível reconhecer a importância de valorizar e celebrar as pessoas idosas na sociedade.
Quilombo Ilha de São Vicente.	Explorou-se a história, os significados históricos e a ressemantização do termo "quilombo".
Um pouco sobre a família quilombola "Barros".	Alcançou-se conexões mais próximas com uma família quilombola, enriquecendo a pesquisa com narrativas pessoais e experiências compartilhadas.
Práticas educativas por meio da contação de histórias e a transmissão de saberes.	Analizou-se práticas educativas que promovem o compartilhamento de conhecimentos e experiências entre gerações como meio de transmissão cultural.
Apontamentos sobre memórias, gerações e relações intergeracionais.	Refletiu-se sobre a importância do senso de pertencimento das pessoas idosas quilombolas na preservação da cultura e tradições.
Significados históricos, imaginário social e ressemantização do termo "quilombo".	Explorou-se perspectivas do imaginário social relacionado aos quilombos e sua ressemantização ao longo do tempo.
Relatos de vivências com os quilombolas	Compreendeu-se a importância da valorização e apoio às comunidades quilombolas em suas demandas.
O sonho da UMA Quilombola.	Foi possível vislumbrar um futuro em que a UMA/UFT atende às especificidades das pessoas idosas de um Quilombo.

Fonte: Autora (2023).

No subtítulo onde são descritos as percepções e descrições das visitas à Ilha de São Vicente, compartilhou-se uma imersão na cultura e tradições da comunidade quilombola, bem como a compreensão mais profunda da vida e das histórias das pessoas idosas quilombolas, como num dos eventos vivenciados na comunidade, no "Dia da Pessoa Idosa". Buscou-se deixar rastros das emoções e experiências vividas durante o evento significativo que, acima de tudo, reconheceu a importância de valorizar e celebrar as pessoas idosas na sociedade.

Além dessas duas, serão compartilhados nos resultados outras descobertas sobre o Quilombo Ilha de São Vicente, com um pouco sobre a sua história, significados históricos e ressemantização do termo "quilombo" como forma de fortalecer a valorização da cultura e identidade da comunidade quilombola amazonense, com especial destaque para a "Família

Barros”, a mais próxima nessa pesquisa, envolto na visão fenomenológica e diante de uma conexão mais próxima que enriqueceu a pesquisa com narrativas pessoais e experiências compartilhadas.

O trabalho reúne ainda outras revisões bibliográficas, a respeito de práticas educativas por meio da contação de histórias e transmissão de saberes acompanhadas de análises de práticas educativas que promovem o compartilhamento de conhecimentos e experiências entre gerações. Afinal, reconhece-se a importância da contação de histórias como meio de transmissão cultural e comunga-se com aqueles que defendem as memórias das diferentes gerações para o fortalecimento de vínculos promissores nas relações intergeracionais.

Neste caminho de reflexões sobre a importância das memórias na construção da identidade e do senso de pertencimento das pessoas idosas quilombolas, é importante valorizar as relações entre diferentes gerações e seu impacto na preservação da cultura e tradições, ao passo que, são divulgados alguns significados históricos, envoltos desde o imaginário social até a ressemantização do termo "quilombo", com o cuidado de explorar diferentes significados históricos atribuídos ao termo "quilombo" e seu impacto na percepção social, bem como uma análise que relacione os quilombos e sua ressemantização ao longo do tempo.

Compartilha-se algumas vivências e análises de documentos sobre uma comunidade quilombola. Destaca-se que os quilombolas são descendentes de africanos escravizados que fugiram e se estabeleceram em comunidades livres, chamadas de quilombos, durante o período colonial no Brasil (KARASCH, 1996). Conforme Lopes (2020), há o desejo de promover reflexões sobre a realidade dos quilombolas, através de suas histórias e lutas, além da importância de preservar as culturas tradicionais e reconhecer a contribuição dessas comunidades para a construção da identidade brasileira.

Processo que leva ao sonho da Uma Quilombola, um futuro em que a Universidade da Maturidade se expande e atende às necessidades e especificidades das pessoas idosas quilombolas da Ilha de São Vicente, ao funcionar com rotina de práticas educativas e estabelecer atividades que ampliem os compromissos com a inclusão, valorização e promoção do bem-estar das pessoas idosas quilombolas, *utopia freireana* que celebra a riqueza das experiências e vivências das pessoas idosas quilombolas e reconhece a importância de valorizar e respeitar as pessoas idosas quilombolas em nossa sociedade.

4.1 A Universidade da Maturidade (UMA)

A Universidade da Maturidade, da Universidade Federal do Tocantins (UMA/UFT) é um espaço de desenvolvimento de políticas de atendimento às pessoas idosas que alcança o território tocantinense e outros estados do país, em sua missão de desenvolver uma abordagem holística, que abarque aspectos essenciais como educação, saúde, esporte, lazer, arte e cultura (OSÓRIO; SILVA NETO; NUNES FILHO, 2022). Compreende-se que seu objetivo principal é oferecer aos indivíduos que envelheceram um verdadeiro desenvolvimento integral e colabora com atividades de promoção, melhoria da qualidade de vida e de resgate da cidadania das pessoas idosas.

Nesta parte do trabalho apresenta-se esse universo, que chegou à comunidade quilombola da Ilha de São Vicente, pois é ímpar a importância de cada pessoa e instituições que possam contribuir para uma sociedade mais justa (PPP UMA/UFT, 2021). Destaca-se que a UMA/UFT possui abordagens abrangentes, que engloba educação, saúde, esporte, lazer, arte e cultura, e almeja-se ampliar seus ambientes para outras regiões, especificamente, as comunidades quilombolas, territórios propícios para o crescimento pessoal e o bem-estar de pessoas idosas, e que carecem de mais incentivos e participação ativa da comunidade para alcançar o potencial de cada indivíduo e construir uma sociedade mais inclusiva, onde todos possam desfrutar de uma vida plena e significativa (FREIRE, 2011).

O objetivo da divulgação sobre os polos da UMA/UFT (Tabela 2) vai ao encontro do papel da instituição de proporcionar um verdadeiro desenvolvimento integral aos indivíduos nessa fase da vida, e esse objetivo se fortalece com o desejo de que as comunidades quilombolas possam alcançar, também, melhorias em sua qualidade de vida e o resgate da cidadania em seus territórios (PPP UMA/UFT, 2021), ou seja, há a promoção da ideia de que a educação desempenha um papel central nessa prática e reconhece-se que o aprendizado é um processo contínuo ao longo da vida (GADOTTI, 2016).

Tabela 2 – Polos da UMA/UFT em 2023

Ano	Cidade	Histórico
2006	Palmas – TO	A UMA é implantada.
2009	Arraias – TO	A UMA chega à cidade histórica do Tocantins.
2009	Gurupi – TO	A UMA passa a atender o Sul do Tocantins.
2009	Miracema – TO	A UMA alcança a “cidade do abacaxi”.
2009	Tocantinópolis - TO	A UMA chega às comunidades indígenas da região.
2010	Porto Nacional – TO	A UMA começa suas atividades na cidade histórica.
2011	Brejinho de Nazaré – TO	A UMA alcança as comunidades quilombolas locais.
2011	Araguaína – TO	A UMA chega à região do Bico do Papagaio.
2019	Dianópolis – TO	A UMA chega à região histórica do Tocantins.
2021	Cuiabá – MT	A UMA firma parcerias em Mato Grosso.
2022	Campo Grande – MS	A UMA inicia trabalhos em Mato Grosso do Sul.
2022	Barreiras – BA	A UMA chega à Bahia.
2023	São Sebastião – TO	A UMA amplia seu atendimento no Bico do Papagaio.

Fonte: COSTA (2019), DE SANTANA *et al.* (2023).

Durante os trabalhos, conforme Foto 1, junto às rotinas de pesquisa do Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade Federal do Tocantins (PPGE/UFT), percebeu-se, na visão fenomenológica (MERLEAU-PONTY, 2018), o quanto é essencial garantir que as oportunidades educacionais estejam disponíveis para todas as pessoas, independentemente da idade (PPP UMA/UFT, 2021), enquanto que, visualiza-se na UMA/UFT a oportunidade de convidar a sociedade para investimentos em programas de educação voltados para as pessoas idosas, atividades que consigam promover a capacitação, estimular o pensamento crítico e proporcionar o acesso ao conhecimento aos que envelhecem nos Quilombos, e, em seus territórios, contribuir para o desenvolvimento pessoal e profissional.

Foto 1 – Mestranda junto com três líderes da UMA/UFT



Fonte: Carneiro, E. M. S (2022).

Além disso, a UMA/UFT segue outra premissa ao envolver a saúde em suas abordagens de atendimento ao envelhecimento humano. Verificou-se que nela existem investimentos em projetos de prevenção, cuidados e promoção da saúde, além de outros fundamentais para garantir uma vida saudável e ativa aos indivíduos nessa fase da vida (KALACHE, 2008). Desse modo, essa Tecnologia Social tocantinense inclui em seu bojo de serviços a educação e a disponibilidade de serviços médicos especializados, campanhas de conscientização sobre doenças comuns na terceira idade, acesso a medicamentos e cuidados paliativos, bem como a promoção de hábitos saudáveis e a prática regular de exercícios físicos.

Nesse trabalho foi possível alcançar outro resultado que vale destaque: o esporte e o lazer também desempenham um papel relevante na Missão da UMA/UFT (Imagem 1). E essa constatação vai ao encontro do desejo de promover a prática esportiva como atividade que contribui para a manutenção da saúde física e mental, promovendo o bem-estar e a socialização de quem envelheceu (OSÓRIO; SILVA NETO; NUNES FILHO, 2022). Portanto, enfatiza-se a visão da UMA/UFT em oferecer oportunidades para a prática de atividades esportivas adaptadas às necessidades e capacidades das pessoas idosas, tendo práticas de incentivo à participação em grupos e clubes esportivos, bem como a organização de eventos esportivos destinados a essa faixa etária.

Imagem 1 – Recorte da página da UMA/UFT na Internet

Fonte: <http://sites.uft.edu.br/uma/>

Outra característica é o lazer. Este, segundo Oliveira *et al.* (2023), possibilita o descanso, a diversão e o entretenimento, ou seja, elementos essenciais para a qualidade de vida. As comunidades quilombolas possuem suas práticas de lazer, e isso vai ao encontro da visão da UMA/UFT sobre a necessidade de garantir, também, o acesso a outros espaços de lazer, como parques, praças, bibliotecas e centros culturais, bem como promover às pessoas idosas dos quilombos, atividades recreativas, passeios, viagens e programas de turismo.

A arte e a cultura são outros elementos enriquecedores observados na UMA/UFT (Foto 2), agentes de desenvolvimento humano e, portanto, devem fazer parte de qualquer ação ou política de atendimento à pessoa idosa (FREIRE, 2011). Sobre a arte e a cultura, cita-se Brito (2022) em sua pesquisa sobre a capacidade da UMA/UFT de estimular a participação em atividades culturais, como a música, o teatro, a dança, as artes plásticas e a literatura, contribuindo para o desenvolvimento pessoal, a expressão criativa e o fortalecimento dos laços sociais. Foi constatado essa realidade nesse trabalho, de forma que, no Quilombo, ela conseguirá valorizar e preservar o patrimônio cultural, promover a inclusão e o acesso de todos os indivíduos a esse universo de saberes e experiências.

Foto 2 – Grupo de Dança da UMA/UFT, de Palmas – TO



Fonte: UMA/UFT (2023).

Logo, essa descrição envolve uma Tecnologia Social (DE SANTANA, 2020), tocaninense que consegue priorizar a pessoa idosa em defesa e promoção de um atendimento holístico ao envelhecimento humano, que busca não apenas melhorar a qualidade de vida dos indivíduos nessa fase, mas também resgatar sua cidadania, seus desejos e sentimentos (MERLEAU-PONTY, 2018). Destarte, os polos da UMA/UFT precisam se expandir, inclusive para as comunidades quilombolas, como espaços essenciais de garantia que, como descrevia Beauvoir (2018), “Os *velhos* dos Quilombos sejam reconhecidos como sujeitos ativos na sociedade, com direitos, deveres e capacidades de contribuir para o bem comum”. Nesse sentido, segue-se com a visão política que leva a concordância de que, a criação de um polo da UMA/UFT na comunidade quilombola, se tornará um local de atendimento, promoção a participação social, a inclusão e o respeito à diversidade (BOTH, 1999).

Portanto, continua-se com a abordagem sobre a UMA/UFT, e será descrito no próximo capítulo um pouco sobre um de seus Polo, na cidade de Araguaína – TO, local onde foi possível vivenciar momentos de prática da política de atendimento à pessoa idosa e de respeito ao envelhecimento humano (BOTH, 1999), lugar onde constatou-se a missão e o desenvolvimento integral dos indivíduos que envelheceram, através de uma abordagem holística que prioriza a educação, a saúde, o esporte, o lazer, a arte e a cultura. Desse modo, é notório reiterar que

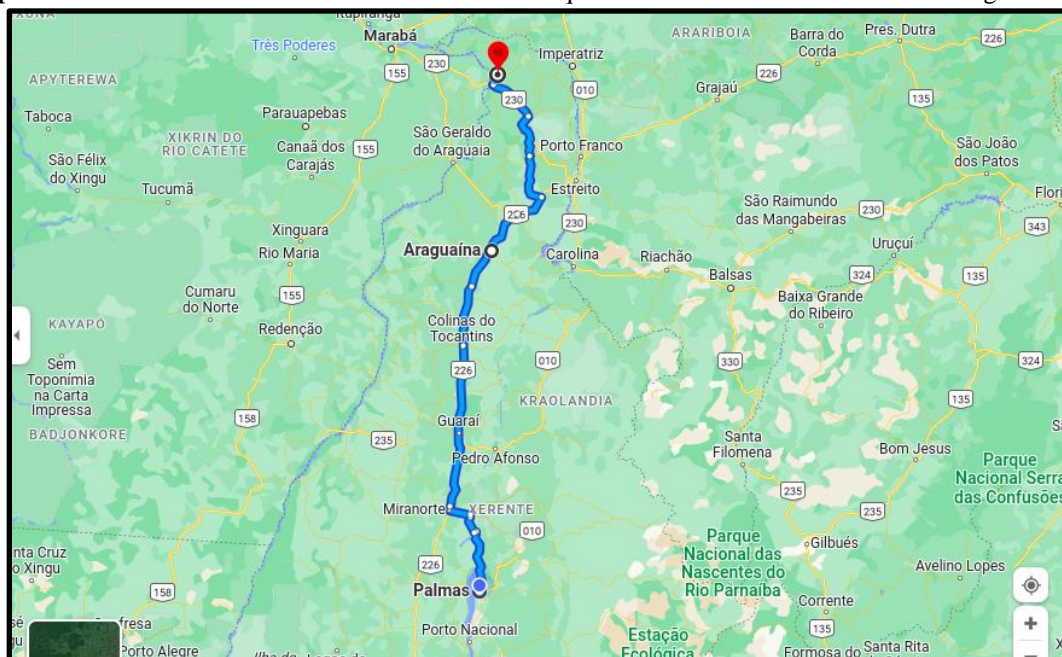
precisa-se de mais polos da UMA/UFT, para que cada vez mais pessoas idosas consigam a melhoria da qualidade de vida e o resgate da cidadania, de forma equitativa e humanizada.

4.2 O polo da UMA em Araguaína – TO

Nesta parte do trabalho serão compartilhadas as descobertas sobre um dos polos da Universidade da Maturidade, da Universidade Federal do Tocantins (UMA/UFT) que, à época da pesquisa, alcançava maior proximidade com Araguatins – TO. Unidade da Tecnologia Social (DE SANTANA, 2020) que representa e é referência no avanço significativo que a instituição alcançou no Estado do Tocantins e em outros Estados brasileiros, para difundir práticas educativas com pessoas idosas.

Reitera-se que a sede da UMA/UFT fica em Palmas – TO, capital do Estado do Tocantins, portanto, a 600 km (seiscentos quilômetros) da cidade de Araguatins – TO, e exatos 635 km (seiscentos e trinta e cinco quilômetros) da comunidade quilombola da Ilha de São Vicente. Como descrevem Cañete, Ravena-Cañete e Magalhães (2023) em sua “Ontologia e escolhas de uma comunidade amazônica na relação entre humanos e natureza”, também será feito nesse trabalho. Por essa razão, divulga-se o Mapa 1, não como mecanismo de despertar qualquer sentimento de pena ou perda, pelo fato de estar longe da capital. Ao contrário: será divulgado como forma de sentimento de pertencimento pela vivência em um lugar privilegiado.

Mapa 1 – Distância entre Palmas – TO e a comunidade quilombola Ilha de São Vicente em Araguatins – TO



Fonte: Google Maps (2023).

Foi escolhido a UMA/UFT em Araguaína – TO, pelo fato de estar mais próxima da cidade de Araguatins – TO e, mesmo com 300 km (trezentos quilômetros) de distância, foi onde vivenciou-se com mais proximidade a certeza de que a Tecnologia Social consegue contemplar as comunidades quilombola da Ilha de São Vicente, ao passo que, foi possível celebrar a possibilidade de mudança de paradigma na forma como as pessoas idosas são vistas. Reconhece-se que é possível criar espaços, em variados territórios e comunidades, que permitam a plenitude de pessoas idosas sentirem-se como cidadãos capazes de pensar, agir e contribuir para o desenvolvimento social.

Segundo Brito (2022), essa multiplicação da UMA/UFT traz consigo um ganho político que busca romper com a formação tradicional de pessoas idosas e adotar uma abordagem centrada na valorização humana (Foto 3). No livro organizado por Osório, Silva Neto e Nunes Filho (2022), constata-se divulgações que são referências teórico-metodológicas sólidas, sobre o projeto de inserção e ressignificação das pessoas idosas em seus diferentes aspectos, de modo que, escolheu-se Araguaína – TO por, também, ter alcançado em 2023, 10 anos de existência, um marco na educação intergeracional com pessoas idosas da região norte do Tocantins.

Foto 3 – Aula na UMA/UFT em Araguaína



Fonte: UMA/UFT (2023).

Constata-se junto com Sobrinho (2022) que a abordagem adotada pela UMA/UFT vai além da formação tradicional, na medida em que reconhece que a educação não se limita à juventude, mas é um processo contínuo ao longo de toda a vida. De encontro a essa narrativa, na publicação de De Oliveira Brito *et al.* (2022), há a defesa de que os mais velhos tenham uma educação de qualidade que alcance a visão holística da educação, valorize a sabedoria e a experiência de quem viveu vários Itinerários Formativos (Tabela 3), além de promover sua participação ativa na sociedade e garantir que se mantenham engajados e estimulados intelectualmente para práticas sustentáveis em nossa sociedade.

Tabela 3 – Categorias de Análises Temáticas para Itinerários Formativos encontradas na publicação: “Pacto Nacional da Pessoa Idosa: narrativa das comunidades quilombola de Araguatins – TO e comunidade indígena Xerente de Tocantínia – TO”

CAT	Descrição	Resultado(s) encontrado(s)
1	Linguagens e suas tecnologias	Narrativas das comunidades.
2	Matemática e suas tecnologias	Não identificado.
3	Ciências da natureza e suas tecnologias	Aumento da expectativa de vida.
4	Ciências humanas e sociais aplicadas	Pacto Nacional da Pessoa Idosa; Araguatins – TO; comunidade quilombola; Tocantínia – TO; comunidade indígena Xerente; comunidades urbanas; políticas sociais; sustentabilidade; municípios tocaninenses; Tecnologia Social; povos tocaninenses tradicionais.
5	Formação técnica e profissional	Gerontologia; Educação intergeracional.

Fonte: Brito (2022).

Além disso, a UMA/UFT rompe com a perspectiva estereotipada e negativa do envelhecimento, destacando a importância da ressignificação da pessoa idosa em diferentes aspectos, e isso amplia a valorização do papel das pessoas idosas como agentes ativos na construção do conhecimento, respeitando suas individualidades, potencialidades e aspirações (OSÓRIO; SILVA NETO; DE SOUZA, 2018).

Essa referência teórico-metodológica adotada pela UMA/UFT em seu projeto de expansão na cidade de Araguaína – TO alcançou os municípios vizinhos no interesse de inserir e ressignificar a pessoa idosa com efetividade, abordagens pedagógicas que chegaram à Araguatins – TO em promoções que defendiam a participação ativa das pessoas no processo educacional, com métodos sustentáveis (BRITO *et al.*, 2022) e gerontológicos (BOTH, 1999) que valorizem a aprendizagem autodirigida, e a pedagogia da valorização humana (FREIRE, 2011), que busca promover a dignidade e o respeito das pessoas idosas.

Dessa forma, essa descoberta na pesquisa direcionou para a importância do ganho político na educação quilombola, com a presença de um espaço educativo que atendesse em sua rotina as pessoas idosas quilombolas, em atividades que proporcionem oportunidades de aprendizado contínuo e que valorizasse a inserção e ressignificação do quilombola que envelheceu e deseja romper com estereótipos que permeiam no âmbito social, de que perdeu seu legado enquanto ser humano (BARRETO, 1992).

Uma dessas constatações aconteceu no primeiro encontro com as pessoas idosas da UMA/UFT em Araguaína – TO, quando foi trabalhado o tema que a Organização Pan-Americana da Saúde (OPAS, 2021) e o Ministério da Saúde (2021), nomearam de Década do Envelhecimento Saudável nas Américas (2021-2030). Nele, foi aprendido que, como afirmou há tempos Simone Beauvoir (2018), “A velhice não é mais classificada como uma doença” (DIAS, 2021), demandando a necessidade de políticas educacionais inclusivas e abrangentes.

Imagem 3 – Princípios orientadores para a Década do Envelhecimento Saudável



Fonte: OMS (2021) e Ministério da Saúde (2021).

E é nesse contexto, que a presença da UMA/UFT tão perto das comunidades da região norte do Tocantins garante o seu destaque como uma iniciativa pioneira que visa atender às necessidades específicas das pessoas idosas e reconhece a riqueza de experiências e saberes acumulados ao longo da vida (GADOTTI, 2016).

Outro resultado constatado é o referente à participação ativa das pessoas idosas na sociedade, de modo que contribuem para a construção de uma sociedade mais inclusiva, que valoriza a sabedoria, a experiência e as contribuições daqueles que alcançaram mais tempo de

vida e, concomitantemente, possuem contribuições que podem ajudar em discussões políticas, filosóficas, além de outras questões que envolvem os seres humanos. Além disso, Gadotti (2016), em suas defesas a respeito da Educação ao longo da vida, aponta para caminhos que se concretizam na realidade da UMA/UFT de Araguaína – TO.

Uma dessas bases é o fato do lugar ser um espaço de realidade concreta, tangível e acessível às pessoas idosas daquela cidade, que proporciona oportunidades de crescimento, desenvolvimento pessoal e enriquecimento cultural para os que envelheceram, além de influenciar positivamente a percepção social do envelhecimento e a construção de uma sociedade mais justa e respeitosa para todas as idades (DEBERT, 2004). Foram vivenciados momentos de valorização do legado humano, prática fundamental para a construção de um futuro sustentável, no qual cada indivíduo possa contribuir de forma significativa e enriquecedora, independentemente da idade.

Na Foto 4, um dos registros do Encontro Nacional da Universidade da Maturidade (UMA), representa os ambientes férteis vivenciados, ocorrido em programação de dois dias, em abril de 2023, na cidade de Araguaína – TO, e, portanto, organizado pela equipe do polo local. O empreendimento proporcionou o desenvolvimento de pessoas idosas em múltiplos aspectos.

Vale enfatizar que o evento foi fecundo em diversos sentidos, revelando-se nas ações criativas e no prazer de viver, claramente identificados nas expressões subjetivas dos participantes da programação. Houveram demonstrações de pessoas idosas com uma capacidade notável de adquirir novos conhecimentos, ao mesmo tempo em que compartilharam a sabedoria acumulada ao longo de suas trajetórias de vida.

Foto 4 – Mesa de palestras com pessoas idosas da UMA/UFT, durante o Encontro Nacional da UMA.



Fonte: UMA/UFT (2023).

Entretanto, a UMA/UFT é um espaço que vai além da mera transmissão de conhecimentos. Durante o caminhar nas rotinas do polo de Araguaína, constatou-se que esse nutre uma cultura de aprendizado contínuo, valoriza o enriquecimento pessoal e a promoção da qualidade de vida das pessoas idosas que atende (OSÓRIO; SILVA NETO; MONTEIRO, 2013). Esse fato foi notado após participação no programa, ao divulgar experiência sobre ritos e cerimoniais quilombolas, em etapa do curso Cerimonial e Eventos, ofertado na UMA/UFT de Araguaína, no qual foi encontrado uma atmosfera que estimula sua criatividade e os encoraja a explorar novas habilidades e interesses.

Essa valorização da capacidade das pessoas idosas de aprender e transferir conhecimentos é notável e referenciada pelo patrono da educação brasileira: Paulo Freire (2011). Sobre a análise de como as pessoas idosas demonstram uma resiliência e adaptabilidade surpreendentes ao se envolverem em novas áreas de conhecimento, Osório *et al.* (2018) disserta sobre a era dos avós contemporâneos na educação dos netos e comenta a importância das pessoas idosas nas relações familiares.

A valorização da bagagem de vida que a pessoa idosa oferece em Araguaína – TO, revela o polo da UMA/UFT como um espaço fecundo, onde quem envelhece encontra

oportunidades de crescimento, desenvolvimento pessoal e conexões significativas (SOBRINHO, 2022). Esse mesmo autor coloca em suas considerações finais a necessidade do programa ir além e promover ações criativas e o prazer de viver em outras comunidades e territórios da região norte do Tocantins. Apontamentos presentes na vivência enriquecedora, pois foi constatado pessoas idosas com oportunidade de aprendizagens novas e ainda com o respeito de poderem compartilhar conhecimentos acumulados nos Itinerários Formativos de suas vidas (BRITO, 2022).

Nesse caminho, fortaleceu-se os laços intergeracionais e construiu-se uma outra etapa do presente trabalho, mais solidária, mais próxima, que será percorrido nos próximos capítulos; um olhar carinhoso e inclusivo que buscou-se manter nas relações e promoção da igualdade de oportunidades e o reconhecimento do potencial de cada indivíduo que envelhece.

4.3 A primeira visita à Ilha de São Vicente

04/12/2021 Notas do diário de bordo

Visita para falar sobre o pacto nacional da pessoa idosa.

“Conselho nacional da pessoa idosa”

Nesta visita foi conversado com pessoas idosas e jovens lideranças, além de um adulto de 40 anos.

Foi questionado o que esse entendia como conselho na comunidade.

A Ilha de São Vicente é uma ilha localizada às margens do Rio Araguaia, no estado do Tocantins. É uma área conhecida por suas belezas naturais, paisagens exuberantes e praias de areias brancas. É bastante popular entre os turistas e visitantes, pois além da presença de ribeirinhos, abriga uma comunidade quilombola, que juntamente com ela habita uma história de luta e resistência.

De acordo com o Brasil (2012) “Art. 3º - Entende-se por quilombos: I - os grupos étnico-raciais definidos por auto atribuição, com trajetória histórica própria, dotados de relações territoriais específicas, com presunção de ancestralidade negra relacionada com a resistência à opressão histórica; II - comunidades rurais e urbanas que: a) lutam historicamente pelo direito à terra e ao território o qual diz respeito não somente à propriedade da terra, mas a todos os elementos que fazem parte de seus usos, costumes e tradições; b) possuem os recursos ambientais necessários à sua manutenção e às reminiscências históricas que permitam perpetuar sua memória; III - comunidades rurais e urbanas que compartilham trajetórias comuns, possuem

laços de pertencimento, tradição cultural de valorização dos antepassados calcada numa história identitária comum, entre outros.”

A oportunidade de conhecer uma comunidade remanescente e especificamente falar com as pessoas idosas desta comunidade foi uma atividade de notável entusiasmo. O objetivo da ação realizada pela UMA/UFT foi ouvir os quilombolas acerca da sua organização hierárquica do seu povo, os conselhos ou associação. O quilombo vive com uma concepção de mundo que guia a organização do hábitat, a instalação das áreas de produção (as roças) e os ritos. O mundo é simbolizado pelas alianças estabelecidas com a terra, inclusive nos ritos funerários (SANTOS; NORTE, 2017).

Foto 5 – Casa de uma quilombola idosa (foto realizada durante a primeira visita)



Fonte: Carneiro, E. M. S (2021).

No período que ocorreu a visita (ainda no período de pandemia do novo Coronavírus), muitos não se encontravam lá e alguns não se sentia confortável para receber visitas. Porém, diante do contexto em que se encontrava a fase da pesquisa (no lugar da coleta dos dados), foi possível sentar com quatro quilombolas, sendo três pessoas idosas e um adulto. Durante a vida acadêmica estudou-se sobre os quilombos. Logo, essa era uma oportunidade de conhecer de perto uma comunidade quilombola. A primeira visita à ilha de São Vicente foi uma jornada enriquecedora que ofereceu uma mistura fascinante de história, cultura e paisagens. A ilha é um local imperdível para os amantes da história e da cultura. Os pesquisadores visitantes são presenteados com uma experiência memorável e uma compreensão mais profunda da história.

Encontro de Família na Comunidade Ilha de São Vicente em 24/07/2022

É um encontro intergeracional onde a família se reúne anualmente para confraternizar e compartilhar saberes. Neste encontro foi possível fazer observações de como a associação se organiza. As lideranças jovens se reuniram; houve oficina de turbante, um momento de compartilhamento de histórias de vida. Foi oportuno falar sobre a pesquisa e sobre a UMA.

Os encontros de família são uma prática comum na maioria das famílias, e essa prática se faz presente em famílias quilombolas e é de grande importância tanto para os membros dessa família quanto para a comunidade quilombola como um todo. É um momento de compartilhar histórias, memórias e conhecimentos transmitidos ao longo das gerações, preservando assim a cultura e as tradições quilombolas. Esse encontro permite a troca de experiências e o fortalecimento da coesão social dentro da comunidade. Além disso, o encontro de famílias quilombolas também pode ter um impacto positivo na luta pelos direitos e pela visibilidade dessas comunidades. São nesses encontros que os coletivos se reúnem e pontuam suas conquistas, seus avanços.

De acordo com Gomes (2017), os saberes desenvolvidos por grupos sociais em nossa sociedade, sejam eles hegemônicos ou contra hegemônicos, são construções culturais. Nesse sentido, os movimentos sociais são agentes e mediadores dessas construções, desempenhando papel educativo frente às relações de cunho social e político devido ao papel pedagógico exercido por esses movimentos que investigam o conhecimento científico, propõem novos temas, questionam concepções e transpõem o conhecimento.

Participar de um encontro de família quilombola foi uma oportunidade engrandecedora, de modo que possibilitou compartilhar um momento tão importante e íntimo. Neste encontro foi possível observar a logística de organização dos membros da comunidade. O encontro inicia muito antes de acontecer: inicia com a organização e divisão do trabalho. Conforme mencionando anteriormente, a comunidade conta com 65 famílias vinculadas à associação comunitária, porém nem todos residem na ilha. Isso requer um planejamento adequado para que o evento aconteça de forma organizada. Sobre as comunidades quilombolas, Haesbaert (2004, p. 5) argumenta que, “conjugam a construção material ‘funcional’ do território como abrigo e base de ‘recursos’ com uma profunda identificação que recheia o espaço de referentes simbólicos fundamentais à manutenção de sua cultura.”

A intergeracionalidade presente nesses encontros de família trazem uma série de benefícios para os membros participantes. Permite que as gerações mais jovens aprendam com a sabedoria e experiência dos mais velhos, ao passo que os mais velhos têm a oportunidade de se conectar com as perspectivas e interesses dos mais jovens. Esse intercâmbio promove a compreensão mútua, o respeito e a valorização de cada geração.

De acordo com Prestes e Alfaro (2020, p. 40):

As interações entre as gerações são de suma importância. As trocas intergeracionais fortalecem o relacionamento, promovem a troca de ideias e conhecimentos entre as faixas etárias, favorecendo a formação e a consolidação de vínculos sociais, que permitem além da troca de experiências de vida o compartilhamento destes conhecimentos, ideias, atitudes, crenças, pontos de vista, hábitos, culturas, oportunidades, novos caminhos, crescimento e por fim evolução”. (PRESTES; ALFARO, 2020, p. 40).

Esse fato pode ser observado na Foto 6. Dessa forma, são construídos bons relacionamentos com aceitação e comprometimento entre as partes.

Foto 6 – Momento intergeracional no encontro de família



Fonte: Carneiro, E. M. S (2022).

Um fato que vale ser mencionado é que nesta comunidade, todos os membros levam um prato de comida e juntos compartilham o alimento. Além de levar almoço, o grupo se responsabiliza por limpar a casa de idosos que residem sozinhos.

Ainda neste encontro, em um momento pós almoço, foram realizadas plenárias com votações acerca das demandas do seu povo, como a mudança de presidente e a regularização da associação. Os coletivos jovens se reuniram e apresentaram os avanços que cada um tinha ou estava desenvolvendo naquele período. Ao final houve uma oficina de turbantes e os registros de muitas fotos.

4.4 Dia da Pessoa Idosa

01/10/2022

Essa ação ocorreu simultaneamente em todos os *campus* da UMA. Em alguns *campus* houve blitz, caminhada. Como em Araguatins não tem um polo da Universidade da Maturidade, como pesquisadora e representante da UMA/UFT, foi preparado um café da manhã e levado até a comunidade, onde foi possível vislumbrar nos olhos deles uma enorme felicidade em perceber que foram lembrados. Essa ação foi chamada de “UMAbraço: lembramos de você”.

Foto 7 – Ação dia do idoso na comunidade quilombola



Fonte: Carneiro, E. M. S (2022).

O dia nacional da pessoa idosa foi instituído pela Organização das Nações Unidas (ONU) em 1991, com o objetivo de sensibilizar a sociedade para as questões do envelhecimento e da necessidade de proteger e cuidar da população idosa. Para a Organização Mundial da Saúde (OMS), pessoa idosa é todo o indivíduo com 60 anos ou mais nos países em desenvolvimento, ou com 65 anos ou mais em países desenvolvidos.

No Brasil é comemorado no dia 1º de Outubro e essa data é marcada com muitas ações e culminância de projetos desenvolvidos pela Universidade da Maturidade. Esse dia leva à reflexão sobre a importância de proteger e cumprir a experiência de vida das pessoas idosas na sociedade. É uma oportunidade para promover a conscientização sobre os direitos, desafios e contribuições das pessoas idosas, bem como para destacar a necessidade de políticas públicas efetivas que garantam seu bem-estar e inclusão. Além de ser uma oportunidade para levar os acadêmicos para as ruas, como forma de demonstrar a força da velhice, programação desse cunho também são uma forma de chamar atenção de toda a sociedade para a necessidade de conhecer, debater e apoiar a causa da velhice (SINÉSIO, 2022).

Programação no Dia Nacional do Idoso

Polo de Palmas – dia 29, às 8h, na trilha Carapanã – Caminhada Ecológica do 1º BPM.

Dia 30, às 9h, no Hospital de Amor do Tocantins – Visita dos Acadêmicos. Às 14h30, no prédio da UMA – Câmpus Palmas – Missa em Ação de Graças pelo Dia Internacional do Idoso.

Dia 1º de outubro, às 8h, na Avenida JK (em frente ao prédio da prefeitura) – Blitz do Abraço.

Polo de Paraíso do Tocantins, dia 30, às 14h, no Centro de Convivência do Idoso – Apresentação do Coral da Maturidade.

Polo de Tocantínia – dia 30, às 7h30, na Praça Valpertino Gomes – Leitura de poesias e culto ecumênico.

Comunidade quilombola Ilha de São Vicente – dia 01 de outubro, às 7h30 na comunidade, com Café da manhã e ação do Abraço.

Polo de Araguaína – dia 03 de outubro, às 15h, no Cantinho do Vovô – Apresentação do coral da UMA.

Polo de Porto Nacional – dia 10 de outubro, às 17h, na praça central – Blitz do Abraço.

A relevância desta ação na comunidade Ilha de São Vicente refletiu na necessidade da comunidade em pessoas que se preocupem com ela. A surpresa e a satisfação estavam evidentes nos seus olhos; outros agradeceram e citaram a importância de momentos afetivos como aquele. E ao final do dia o sentimento era de missão cumprida.

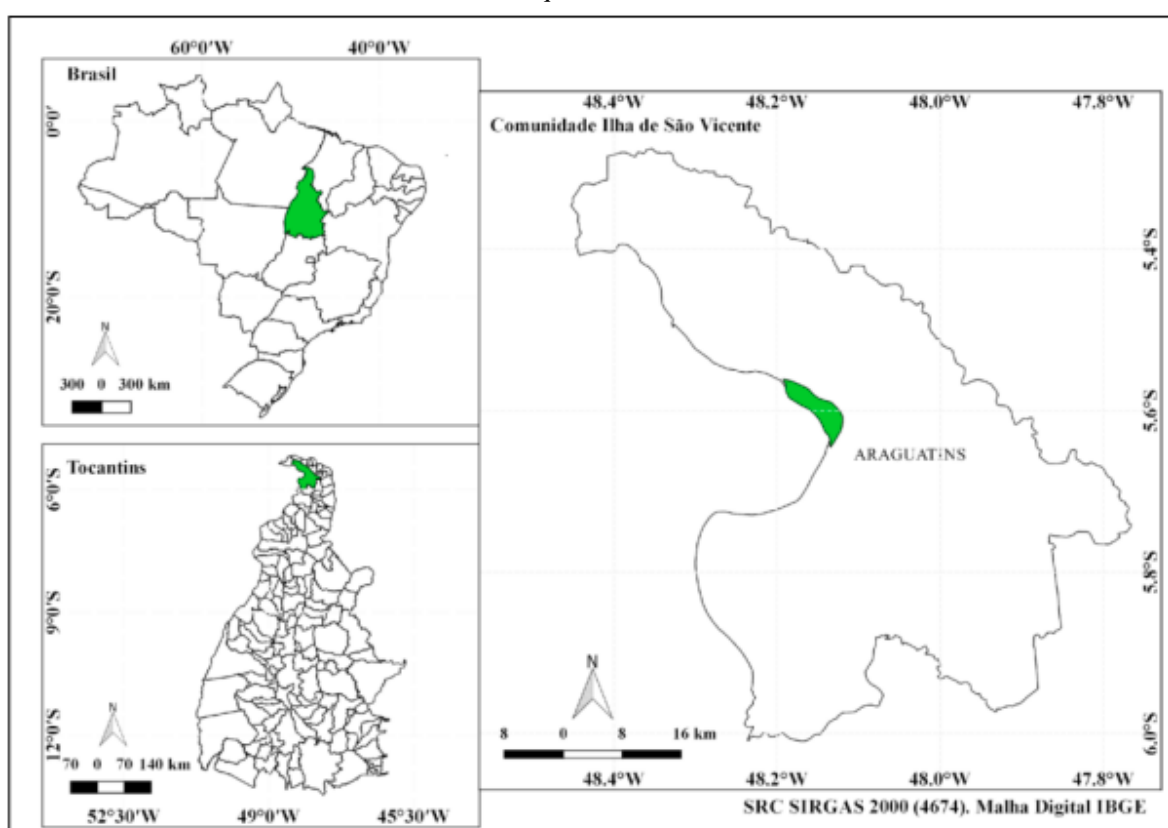
Portanto, se faz necessário a construção de laços significativos e de reciprocidade entre as faixas etárias, criando momentos de convivência e desconstrução de estereótipos e minimização de preconceitos relacionados à velhice. Quando se tem respeito às diversidades e

aos saberes e experiências de vida de cada um, há uma convivência pacífica e rica em solidariedade e reconhecimento das necessidades do próximo (PRESTES; ALFARO, 2020).

4.5 O quilombo Ilha de São Vicente

A Ilha de São Vicente (Imagem 6) é um local de grande importância ecológica situado na margem direita do rio Araguaia, no município de Araguatins, no extremo norte do estado do Tocantins, na região do Bico do Papagaio. Essa região faz parte da Amazônia Legal, e envolve uma área de proteção ambiental de grande relevância para a preservação da biodiversidade brasileira (DE SOUSA, 2018).

Imagem 6 – Mapa do Estado do Tocantins, com destaque para o Município de Araguatins e a comunidade remanescente de quilombo Ilha de São Vicente



Fonte: Guerino (2018).

Com uma extensão de 2.502,0437 hectares, a Ilha de São Vicente possui uma rica variedade de ecossistemas, incluindo floresta, áreas alagadas e praias fluviais; ao passo que essa diversidade de habitats contribui para a presença de uma grande quantidade de espécies de fauna e flora, tornando-a um importante refúgio para a vida selvagem (LOPES, 2014). Destaca-se ainda em sua relevância histórica e cultural, ao ser um local frequentemente visitado por turistas e pesquisadores interessados em explorar suas belezas naturais e conhecer um pouco mais sobre a história e cultura da região (ALMEIDA; LAROQUE, 2019).

Constatou-se nas observações e visitas (Foto 8) que, apesar de sua localização remota, a ilha não está totalmente isolada, pois recebe pessoas desde a cidade mais próxima, até da capital Palmas, para encerrar as citações de visitantes nesta, que está distante cerca de 635 km. Portanto, a Ilha de São Vicente, com sua extensão, localização privilegiada e riqueza natural e cultural, é um verdadeiro tesouro da região do Bico do Papagaio e uma parte essencial do patrimônio natural do Estado do Tocantins.

Foto 8 – Registro de uma das visitas às pessoas idosas quilombolas da Ilha de São Vicente



Fonte: Autora (2022).

Julga-se oportuno, conforme afirmam Rosário, Souza e Rocha (2021), destacar que sua preservação e conservação, enquanto território quilombola, são fundamentais para garantir a proteção da biodiversidade e a manutenção dos ecossistemas naturais da região. Mas, o objetivo maior do presente trabalho é apresentar uma análise da atual situação da comunidade que envelhece e vive na Ilha de São Vicente, considerando o número de famílias cadastradas na Associação e o perfil demográfico dos residentes (ASSOCIAÇÃO, 2023).

Sobre isso, de acordo com os registros da Associação da comunidade, atualmente há um total de 65 famílias cadastradas. No entanto, é importante ressaltar que, segundo o presidente da Associação, apenas 12 famílias residem efetivamente na Ilha, ao passo que, essa discrepância é notada em outros trabalhos, como o de Nascimento (2020), com destaque para a diferença entre o número de famílias cadastradas e o número de famílias que efetivamente vivem na ilha.

Isso pode indicar a existência de fatores que influenciam a migração ou a falta de interesse em residir nesse local específico.

Segundo De Sousa (2018), a comunidade da Ilha de São Vicente possui uma estrutura populacional diversificada, com a presença de diferentes faixas etárias. No entanto, a baixa presença de famílias residentes na ilha em relação ao número de famílias cadastradas pode indicar a existência de desafios ou dificuldades que influenciam na decisão de residir nesse local. E, no viés desse estudo, as investigações apontam para maiores dificuldades quando se alcança as pessoas idosas quilombolas, pois carecem de maior atenção e políticas públicas que fortaleçam e incentivem a fixação na comunidade local, a fim de garantir a conservação desse patrimônio natural e proporcionar melhores condições de vida para aqueles que optam por residir na ilha.

Além disso, Schmitt, Turatti e Carvalho (2002), Maestri (2005), Karasch (1996); Lopes (2012) e outros reforçam que, para a maioria da população, o termo "quilombo" ainda está associado à imagem dos negros fugitivos que se recusavam a se submeter aos domínios coloniais e ao sistema escravista que persistiu no Brasil por quase quatro séculos, e essa luta continua nos dias atuais, pois, vale ressaltar, o Brasil foi o último país latino-americano a libertar seus trabalhadores afrodescendentes e ainda enfrenta consequências deste fato histórico (NASCIMENTO, 2020). Sobre isso, encontra-se outras denominações para “comunidades negras rurais”, reunidas no trabalho da pesquisadora Lopes (2020, p. 37), divulgados na Tabela 4:

Tabela 4 – Outras denominações para comunidades negras rurais

Outras denominações	Autores e Autoras
Comunidades negras autônomas ou comunidades camponesas livres	Karasch, 1996
Comunidades negras rurais quilombolas	Ratts, 2000 e 2009
Grupos rurais negros ou grupos camponeses negros	Schmitt; Turatti; Carvalho, 2002
Comunidades de camponeses negros ou camponeses negros	Maestri, 2005
Comunidades trabalhadoras rurais brasileiras afrodescendentes	Fiabani, 2007
Comunidades rurais afrodescendentes ou comunidades negras agrárias	Fiabani, 2007 e 2012

Fonte: LOPES (2020).

Alcançou-se essa confirmação nas investidas desta pesquisa, pois a formação da comunidade remanescente de quilombo na Ilha de São Vicente está intimamente ligada à resistência e à luta por liberdade dos indivíduos escravizados, de modo que essa comunidade preserva uma história marcada por desafios, superações e tradições culturais que foram

transmitidas ao longo das gerações (LOPES, 2012). Além disso, é importante reconhecer a importância dessa comunidade quilombola e valorizar seu legado histórico e cultural, envolto nas narrativas de pessoas idosas que compõem a comunidade, com memória que vão desde a luta contra a escravidão e a busca por liberdade até outros elementos fundamentais para compreender a formação e a identidade dessas comunidades remanescentes de quilombo.

Neste sentido, essa narrativa vai de encontro à de Freire (2011), ou seja, de que a educação pode colaborar e promover a valorização e o respeito pela cultura e pelos direitos das comunidades quilombolas. De igual forma, Gadotti (2016) assevera que é essencial o respeito às aprendizagens alcançadas ao longo da vida dos seres humanos para construir uma sociedade mais inclusiva e igualitária. Portanto, é reconhecido a importância das pessoas idosas do Quilombo da Ilha de São Vicente para a compreensão desde a definição histórica, até a compreensão da resistência e resiliência de um povo que lutou e continua lutando por seus direitos e para a preservação cultural (DE SOUSA, 2018).

Neste trabalho, foi discutido fenomenologicamente sobre as práticas educativas que a Universidade da Maturidade, da Universidade Federal do Tocantins (UMA/UF), promove para a emancipação e sustento de pessoas idosas em diversas realidades, comunidades e territórios da Amazônia Legal. Além disso, destacou-se a importância dos mais velhos para considerar as diferentes perspectivas e memórias ao relatar a história desse povo (MERLEAU-PONTY, 2018).

A presença da UMA/UFT na Ilha de São Vicente desempenha, mesmo que ainda de forma tímida, um papel significativo ao colaborar com a compreensão desse povo no viés da educação popular e em práticas educativas que não apenas promovem o conhecimento acadêmico, mas também empoderam os indivíduos, capacitando-os a reconhecer seu território como lugar de vivência, trabalho e sustento (NERI, 2007), à medida que essa abordagem educativa contribui para a autonomia e a dignidade das pessoas da comunidade, desde as crianças até os mais velhos (OSÓRIO; SILVA NETO; DE SOUZA, 2018).

Acredita-se que ao relatar as histórias desse povo, é essencial considerar as peculiaridades e particularidades da comunidade da Ilha de São Vicente, cuidado que a UMA/UFT possui quando respeita as vivências, experiências e perspectivas únicas que contribuem para a construção de uma história coletiva (BRITO, 2022). Nesse sentido, as memórias desempenham um papel fundamental na preservação da identidade cultural e histórica de uma comunidade, e ao se instalar rotinas da UMA/UFT na Ilha de São Vicente, ficou claro as oportunidades para ouvir e dar voz a diferentes gerações, permitindo que as

peças do Quilombo contribuíam com suas memórias e perspectivas (ALMEIDA; LAROQUE, 2019; MAESTRI, 2005).

Portanto, é imprescindível reconhecer e buscar mais momentos da UMA/UFT na rotina da comunidade quilombola da Ilha de São Vicente, para que ela alcance, também, as diferentes memórias e perspectivas de pessoas idosas ao relatar a história desse povo. Este trabalho é apenas uma fagulha deste processo, pois acredita-se que, ao fazê-lo, há o fortalecimento da identidade cultural, promoção da inclusão social e contribuição para o empoderamento e autonomia dos membros dessa comunidade.

4.6 A Família Barros

Foto 9 – Família Barros no encontro de Família 2022



Fonte: Carneiro, E. M. S (2022).

A minha relação com a Família Barros iniciou bem antes do mestrado. Quando ainda estava na graduação, tive o privilégio de assistir a uma palestra de uma ativista e quilombola, a Fátima Barros (*in memoriam*). Ela era uma mulher forte, guerreira, formada em pedagogia: uma mulher que entendia a importância da educação para o povo do campo, mas que segundo ela

entendia tudo isso, mas não entendia a necessidade de compreensão dos povos. Não tinha a força e a dimensão do que são os povos. Fátima sempre falava sobre a importância e do engajamento das jovens lideranças: parecia que ela sabia que sua passagem aqui seria breve. Lembro que dias antes da sua partida, conversamos sobre a comunidade e a sobre o interesse em pesquisar sobre a história da comunidade e ela me direcionou aos coletivos de jovens.

Para representar a família Barros, farei com a representação de Pedro, e será segundo a apresentação que eles costumam fazer no quilombo. A escolha por ele é por ser o mais velho vivo na linhagem de sua família. Pedro Barros nasceu na ilha em 1944, filho de José Henrique Barros e Maria Francisca Barros. Pedro sempre morou na ilha.

Foto 10 – Pesquisadora e Pedro Barros em uma das visitas a comunidade



Fonte: Carneiro, E. M. S (2022).

Seu Pedro é um idoso ativo: ainda planta e colhe sua lavoura e é um homem que mora sozinho. De uma personalidade forte e de uma sabedoria incrível, me acolheu durante a pesquisa. É um contador de histórias e prosas.

Dentre as histórias que me contou, tem uma sobre os festejos que aconteciam na comunidade.

“Meus pais festejavam
Nossa Senhora do Rosário, São Lázaro, São José.

E todo ano eram uns festejos bonitos.
 Aí se matava um gado pra essas festas,
 porque a gente tinha gado curraleiro aqui.
 Matava galinha, matava porco.
 Tinha muita banana.
 Vinha gente lá do Pará pra cá,
 os *cumpádi* deles, os amigos.
 Muita gente vinha de Araguatins,
 do São Raimundo. Era gente demais.
 E aí dava comida pra esse pessoal todo.
 O meu irmão Juarez, que era o que gostava mais de brincadeira,
 fazia às vezes duas latadas,
 uma no fundo da casa, outra na frente.
 No fundo era *pras* pessoas que queriam dançar a Suça,
 e aqueles que queriam dançar o Forró era na parte da frente.
 Isso era uma festona.
 Coisa bonita.
 A noite todinha gente dançando.”

Pedro Barros

A família Barros tem uma relação intrínseca com as árvores. Durante muitos anos, os mais velhos mantiveram uma tradição que funcionava da seguinte forma: quando eles nasciam, recebiam uma caixa de segredos. Era uma caixa feita com palha de babaçu e com cinco pontas, e dentro desta caixa vinha uma semente de uma árvore, e aquela semente foi plantada para aquela criança que nascia e haviam árvores centenárias, o que marcava a memória desse povo.

De acordo com Araújo, Vieira e Alves-Castro (2007), as plantas e substâncias derivadas, em algumas culturas são consideradas mestres em forma vegetal, capazes de ensinar ao homem o caminho de contato com os deuses, sabedoria e conhecimentos que moram além (ou dentro) da realidade vivida ou que podem proporcionar a cura de diversos males físicos, mentais e espirituais. No início deste ano, completou-se dois anos que Fatima Barros faleceu após ser acometida pelo vírus da Covid 19. Membros da comunidade se reuniram para homenagear e, com isso, plantaram um pé de ipê (detalhes na Foto 11). Foi um momento de recordação e puderam lembrar todo o legado que Fatima construiu como militante que sempre foi.

Foto 11 – Plantio de Ipê em homenagem a Fátima Barros



Fonte: Arquivo Comunidade Quilombola ilha de São Vicente(2023).

Educação Intergeracional e Plantas Medicinais: a relação entre avós, netos e plantas medicinais.

O uso de plantas em remédios caseiros é uma prática milenar que chega às escolas. Logo, a prática envolve saberes populares e reconhecimentos em diversas áreas do conhecimento. Ao notarmos que nossos alunos faziam uma relação do uso de plantas medicinais com trocas de saberes entre seus avós, resolvemos compartilhar este relato de experiência que objetiva divulgar um projeto escolar que contextualizou o conhecimento científico, no nível da educação básica, e valorizou os saberes populares de avós dos alunos.

A atividade educacional intergeracional foi desenvolvida em uma escola de Educação Básica, do norte do Estado do Tocantins, um dos estados membros da Amazônia Legal. A metodologia envolve um estudo de caso em dois momentos: o primeiro é uma pesquisa documental, ao acompanhar o projeto escolar; o segundo é uma pesquisa bibliográfica, com

base em pesquisadores e autores que escreveram sobre o tema, dentre eles Gadotti (2012), Villas-Boas (2016) e Osório e Andrade (2000).

Os resultados demonstram que o uso das plantas medicinais existe na região de abrangência do estudo e é um tema de aproximação da escola e do conhecimento científico com as comunidades, além de envolver os mais velhos em experiências de ensino-aprendizagem além dos muros da escola.

4.7 A contação de histórias e a transmissão de saberes

A contação de histórias é uma forma de transmissão de saberes, valores e crenças de um grupo social para outro. A importância dessa prática é garantir a continuidade das tradições culturais de um povo, além de possibilitar o diálogo entre gerações e a socialização de crianças e jovens. A contação de histórias é, sem dúvida, um importante instrumento de educação e de promoção da cultura de um povo.

Em comunidades remanescentes de quilombos são as histórias que fazem um elo contínuo entre o passado e o presente. A comunidade quilombola é um lugar de preservação ambiental, o que torna o local ainda mais especial.

Para Sócio (2019, p. 2):

Nas histórias contadas pelos habitantes da Ilha sobressaem os signos da forte conexão entre os seres humano. As memórias desempenham um papel crucial na formação da identidade individual e coletiva. Elas são construídas e transmitidas por meio de narrativas, experiências compartilhadas e felizes sociais. Além disso, as relações intergeracionais fornecem um contexto para a transmissão dessas memórias, permitindo que as gerações mais atuais reflitam sobre o seu lugar de pertencimento para além da materialidade imediata, apontando para as formas próprias do uso da palavra, que vão desde a estética de sua linguagem até os sentidos variados de seus conteúdos simbólicos.

Pela palavra, pela linguagem, o quilombo supera a limitação territorial da Ilha e comunica suas mensagens ao mundo. O conto oral é uma das mais antigas formas de expressão, e a voz constitui o mais antigo meio de transmissão. Graças à voz, o conto é difundido no mundo inteiro, preenche diferentes funções, dando conselhos, estabelecendo normas e valores, atentando os desejos sonhados e imaginados, levando às regiões mais longínquas a sabedoria dos homens experimentados (PATRINI, 2005, p. 118).

A arte de contar histórias é atribuída, em grande parte dos casos, a alguém com maior experiência, como sendo uma atividade que merece atenção e trato refinados, fazendo com que o ouvinte prenda sua atenção àquilo que está sendo contado. Esse fator de experiência maior é reforçado por Benjamin (1994, p. 200), quando se fala que “o narrador é um homem que sabe dar conselhos”, ou seja, sendo possuidor de vivências maiores. Aquele que narra assume a propriedade de passar a experiência socialmente compartilhada aos outros membros do grupo.

Pela própria constituição histórica de sua estrutura política, os saberes quilombolas tendem a ser desprezados como válidos pela sociedade padronizada dos costumes consumistas da era da globalização em massa. O fato evidente da exclusão cultural, por outro lado, tendo já sido discernido, enseja o posicionamento nitidamente favorável a um esforço de reversibilidade com vistas à recuperação de uma espécie de riqueza até então desconhecida (SÓCIO, 2019).

Seria de grande proveito e importância que essas histórias quilombolas integrassem definitivamente o arcabouço do imaginário dos saberes significativos na vida de alunos, professores e leitores do Brasil, pela perspectiva da riqueza e pluralidade de sua forma.

4.8 Memórias, gerações e relações intergeracionais

À medida que diferentes gerações coexistem em um mundo em constante mudança, compreender como as memórias são transmitidas e como as relações entre as gerações são construídas torna-se fundamental para promover a coesão social e a compreensão mútua, que jovens compreendam e se conectem com o passado, enquanto as gerações mais antigas encontrem significado e propósito ao compartilhar suas experiências. Segundo Helene e Xavier (2003), memória está ligada ao processo pelo qual experiências anteriores levam à mudança do comportamento. Já a atenção corresponde a um conjunto de processos que leva à seleção ou priorização no processamento de algumas categorias de informação. Logo, “atenção” é o termo que se refere aos mecanismos pelos quais se dá tal seleção”.

O sistema nervoso, em seu processo histórico de interação inicial com o ambiente, reage não apenas a estímulos, mas também às contingências espaciais e temporais entre os estímulos, e também destes com suas respostas, num processo de aprendizagem que leva a modificações no seu funcionamento, caracterizando alterações “de-baixo-para-cima”. Com o acúmulo desses registros sobre ocorrências anteriores – memórias no sentido amplo da palavra – e a identificação de regularidades na ocorrência desses eventos, o sistema nervoso passa a gerar previsões (probabilísticas) sobre o ambiente. Então, passa a agir antecipadamente e a selecionar as informações que serão processadas – um processo de “cima-para-baixo” – o que confere grande vantagem adaptativa. Uma das consequências desse processo é o desenvolvimento de intencionalidade; ou seja, como resultados almejados podem ser previstos com base em registros sobre regularidades passadas, o sistema nervoso pode (1) gerar ações que levem aos resultados

desejados e (2) atuar no sentido de selecionar determinados tipos de informação para processamento adicional, isto é, direcionar sua atenção. (HELENE; XAVIER, 2003, p. 1).

O relacionamento entre as gerações, mesmo marcado por conflitos, pode ser produtivo e transformador desde que se processe uma fina sintonia na dialética estabelecida entre a necessária renovação de valores e a não menos importante continuidade das tradições culturais. É esse jogo e essa contínua construção da história e renovação da vida que preserva a humanidade do desgaste que o tempo a tudo imprime (BRAZ, 2013).

A memória é concebida como um caráter social, embora ela possua aparência particular; ela é intrínseca a um grupo, pois o indivíduo interage constantemente no mesmo. Isso significa que é a partir destas interações grupais que “[...] podemos reconstruir um conjunto de lembranças de maneira a reconhecê-los porque eles concordam no essencial, apesar de certas divergências” (HALBWACHS, 2006, p. 29).

A princípio é importante esclarecer o conceito de gerações para um melhor aprofundamento da temática das relações intergeracionais que circundam entre indivíduos de duas ou mais gerações. Para essa compreensão, Cunha (2017) esclarece que geração é, [...] “um grupo de pessoas que compartilham experiências parecidas, que têm idades similares e que seguem determinadas tendências.”

Contudo, o conceito de gerações também pode ser definido por outros critérios: linhagem familiar (pai, filhos, netos, sobrinhos); pertencimento a um grupo que possua características específicas (hippies); pela faixa etária de nascimento (critério mais utilizado na investigação social e que agrupa todos os nascidos no mesmo ano; as etapas do curso da vida, que permite reconhecer uma geração em termos amplos de idade e acontecimentos a ela associados (infância, adolescência, juventude, idade adulta) (GUIMARÃES, 2014).

Um conceito de gerações que corrobora com o anterior é apresentado pelo mesmo autor. Do ponto de vista demográfico, há as *coortes* (conjuntos de indivíduos). São referidas ao ano do nascimento. Algumas sociedades já trabalharam com coortes referidas ao casamento. No Brasil, os censos e anuários tratam de coortes referidas ao ano de nascimento. As gerações são mais do que coortes demográficas (CERVENY, 2011).

Segundo Braz (2013), foram preceituados quatro considerações básicas sobre a transição demográfica mundial objetivando a promoção de debates e ações contemplativas a respeito das necessidades das pessoas idosas, a saber: 1) o envelhecimento da população mundial ocorre sem precedentes na história; 2) o envelhecimento populacional é um fenômeno geral e afeta a todos – homens, mulheres e crianças. A solidariedade e a intergeracionalidade devem ser a base das ações da sociedade civil e dos estados; 3) o envelhecimento é importante

e tem consequências em todos os setores da vida humana, tais como econômico, saúde, previdência, lazer, cultura; e 4) o envelhecimento populacional está se processando de forma gradual, contínua e irreversível e transcorrerá acentuadamente no século XXI.

O conceito de relações intergeracionais adotado neste trabalho será construído pela concepção que Cunha (2017), que prescreve que, [...] relações predominantes são tradicionalmente espontâneas, assim como mais recentemente induzidas e institucionalizadas, com a finalidade de união afetiva, de ações de reciprocidade e solidariedade, de parcerias que geram renda e trabalho, a descoberta do conflito ou dos pontos de conflito, apaziguamento e compreensão de que a união fortalece e vivifica o *continuum* da vida.

Também utilizou-se a concepção de Guimarães (2014), onde o autor define relações intergeracionais como “o termo utilizado para referir-se às relações que ocorrem entre indivíduos pertencentes a diferentes gerações.” A partir dessa definição, Braz (2013) complementa explicitando a importância da intergeracionalidade, citando que sua importância está no intercâmbio entre grupos etários diferentes e na troca que se estabelece entre as gerações, passagem de saberes, na transmissão da memória sócio-histórica e/ou tradições e passagens de rituais sociais, objetivando o fortalecimento dos grupos ou da sociedade.

4.9 Significados históricos, imaginário social e ressemantização do termo Quilombo

Entende-se, a partir do pronunciamento do presidente do INCRA em 2007 (Rolf Hackbart), que existe, sim, nos movimentos pela terra, se tratando de quilombos contemporâneos brasileiros (e não somente estes), uma espécie de reforma agrária paralela (MOURA, 2012)

Para Lopes (2012), Quilombo, no imaginário da maioria da população, é um termo que ainda fica associado aos/as negros/as fujões/nas que não se ajustavam aos domínios coloniais e seu sistema escravista que perdurou por quase quatro séculos no Brasil.

De acordo com os estudos levantados pela autora Ilka B. Leite, o Quilombo dos Palmares é o maior representante dos movimentos rebeldes perante a administração da colônia, que alcançou uma trajetória de quase duzentos anos pela conquista da liberdade, burlando relatórios, atos e decretos.

De acordo com a antropóloga citada acima, a etimologia do termo quilombo leva ao sinônimo bantu de acampamento guerreiro da floresta, significado africano que mesmo simbolizando lutas e rejeições perante aos domínios da produção escravocrata do Brasil através dos seus diversos e graduais ciclos econômicos em que os trabalhadores/as negros/as estavam

submetidos/as (marginalmente) naquele contexto social, não alterou, contudo, as expropriações e as questões das terras no tocante a situação dos negros/as no país (GONÇALVES, 2018).

Melo (2012), ressalta que mesmo a partir da Constituição Cidadã, a Constituição Federal do Brasil de 1988 (CF 1988), pela pressão política e social do Movimento Negro Unificado dos anos oitenta, respalda pela ordem jurídica em que naquele momento se construía no país mais como uma justificativa histórica aos/as negros/as e remanescentes que completava naquela ocasião histórica cem anos da abolição da escravatura. Para os dias atuais, tem-se ainda um grande “acerto de contas” a ser feito em especial às comunidades quilombolas que se encontram, em sua maioria, na zona rural que fora outrora segregada e distribuída aos/as imigrantes europeus/eias.

Segundo Gonçalves (2012), nessa diversidade de culturas e etnias atribuídas inclusive ao Sul do Brasil, onde se localiza também o estado de Santa Catarina, existe essa decorrente ocupação geográfico-europeia que faz parecer uma região sul brasileira como área minoritária em números de negros/as e índios/as em comparação ao restante do país.

Por serem os quilombos uma especificidade científica das áreas da Antropologia, Direito e posterior da História, acaba tornando-se complexo uma conceituação do que é ser comunidade quilombola em dias atuais, mas toma-se, nesse ponto, como base as articulações feitas pela Ciência Política, campo que vai inserindo-se nessa recente e/ou retomada área fértil de estudos acadêmicos, culturais, políticos, econômicos, jurídicos e sociais.

As definições de quilombo passam por, no mínimo, dois aspectos que as caracterizam: 1º) a prática do que é ser quilombo enquanto território, grupo ou comunidade; e 2º) o que está previsto, reconhecido e aplicado enquanto legalidade e garantia constitucional aos quilombolas (MOURA, 2012).

De acordo com Melo (2012), os estudos mostraram que as comunidades de quilombo se constituíram a partir de uma grande diversidade de processos, que incluem as fugas já citadas, também a ocupação de terras livres - geralmente isoladas, além de heranças, doações, recebimentos de terras como pagamento de serviços prestados ao Estado ou ainda a simples permanência nas terras que ocupavam e cultivavam no interior de grandes propriedades, bem como a compra de terras, tanto durante a vigência do sistema escravocrata quanto após. Com isso, se demonstra que a classificação de comunidade como quilombola não se baseia somente em provas de um passado de rebelião e isolamento: depende de tudo acima levantado, de como esse grupo social se compreende e se define.

Assim, Lopes (2012), afirma que na legislação brasileira atual, o conceito é estabelecido pelo critério do autorreconhecimento coletivo, tendo sido condição estabelecida em novembro

de 2003, através do Decreto nº 4.887. Após sua criação, o artigo ampliou o entendimento de quilombo do Brasil, já que entra na pauta de um projeto intelectual tenso e contraditório, uma vez que este pode estar a serviço dos interesses dominantes, mas para outros ele renasce com uma expressão teórica dos movimentos revolucionários.

No Brasil existem 3.271 comunidades de Remanescentes Quilombolas certificadas pela Fundação Cultural Palmares, das quais 44 estão localizadas no Estado do Tocantins e dessas apenas 37 estão certificadas FCP, além de 35 associações quilombolas organizados no estado. “O reconhecimento como quilombola impulsiona as comunidades a benefícios de Políticas Públicas específicas, possibilitando o acesso à bens básicos, como energia elétrica, água encanada, telefone público e escola.” (TESKE, 2010). Embora seja reconhecido esse quantitativo de agremiações, é pertinente destacar que o número de grupos negros em iguais situações de aquilombamento é ainda maior, tendo em vista que esses registros já podem ter sido atualizados. Ademais, o número de comunidades negras que ainda buscam driblar as burocracias para alcançarem seus direitos legais de reconhecimento territorial é muito significativo (SILVA, 2021).

4.10 Relato de vivências dos quilombolas

O envelhecimento em quilombos apresenta desafios e particularidades específicas em relação ao envelhecimento em outras comunidades. Sabedores de que os quilombos são comunidades negras rurais ou urbanas que se formaram a partir de resistências históricas ao sistema escravista, essas comunidades têm suas próprias tradições, culturas e formas de organização social, que podem influenciar a forma como as pessoas idosas são tratadas e cuidadas (FIABANI, 2012).

Foram encontrados nas pesquisas os dados de um levantamento divulgado pelo IBGE (2018), junto à Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua, com características dos Moradores e Domicílios no ano de 2017. Nesta publicação estatística, a população de pessoas idosas é o segmento que mais tem aumentado no período temporal de 2012 a 2017, fato constatado, também, nas comunidades quilombolas. Portanto, se evidencia a necessidade da construção de mais políticas e ações voltadas para esse segmento.

Segundo Lucinda (2017), entre os desafios enfrentados pelas pessoas idosas quilombolas está a falta de acesso a serviços de educação e saúde adequados e de qualidade, especialmente em áreas remotas, como acontece na comunidade quilombola Ilha de São Vicente. Durante as visitas, ficou evidente esse isolamento geográfico e as dificuldades de

mobilidade das pessoas idosas que ali vivem, desde o acesso a serviços básicos, até o transporte em situações de emergências.

Além disso, as comunidades quilombolas precisam lutar para preservar suas tradições culturais (DE SOUSA, 2018), e neste processo valorizam a sabedoria dos mais velhos da comunidade, com influências positivas de valorização da sabedoria e das tradições culturais, de modo que as relações e vivências com as comunidades quilombolas oferecem redes de apoio e cuidado social fortes e integradas, que contemplam a família e a comunidade local em papéis importantes no cuidado e na proteção da pessoa idosa, convictos que, nesse contexto, as pessoas idosas ocupam um lugar de destaque, sendo reconhecidos guardiões da memória coletiva e transmissores de conhecimentos intergeracionais.

Divulgou-se alguns relatos da realidade de pessoas idosas da comunidade quilombola da Ilha de São Vicente, com olhar em seus processos identitários, assim como apontamentos de acesso à educação e à saúde, informações que, segundo Fiabani (2012), oportunizam a ampliação de conhecimentos acerca da identidade e memória dos quilombolas, tendo em vista que, ao longo dos séculos, essas comunidades mantiveram suas tradições culturais, resistiram à opressão, preservaram suas identidades e modos de vida únicos.

Seguimos Bardin (2011), de modo que os resultados qualitativos divulgados nesta parte do trabalho, foram alcançados no período de dezembro de 2021 a dezembro de 2022, com onze visitas à comunidade, e envolvem a descrição de vivências de pessoas idosas da comunidade Ilha São Vicente, bem como seus processos identitários. Respeitou-se, nos materiais e métodos, os aspectos éticos que envolvem um relato de vivências, de modo que as ideias dos entrevistados foram respeitadas e as falas descritas do modo que narram nos momentos da coleta.

A escolha do público motivou-se no período de iniciação do curso de mestrado, o qual pesquisa a intergeracionalidade e o envelhecimento. Logo após o ingresso no curso, ainda em 2021, ocorreu a primeira visita, objetivando criar laços e conhecer a comunidade de perto. Para as visitas foi adotado a utilização de diário de bordo para anotações.

De acordo com Oliveira (2013), o diário de bordo é uma ferramenta para os registros das atividades escolares e, posteriormente, subsunção de âncora para a nova aprendizagem, levando ao processo de alargamento de conceitos formais que contribuem para posterior aprendizagem. Para análise e organização das informações obtidas nas entrevistas semiestruturadas, utilizou-se a técnica de análise de conteúdo temática, proposta por Bardin (2016).

Ainda de acordo com Bardin (2016), a análise de conteúdo do assunto pode ser definida como um arcabouço de técnicas de análise da comunicação com a finalidade de obter indicadores por meio de procedimentos e objetivos do sistema que descrevem o conteúdo das mensagens que permitem inferir conhecimento sobre as condições de produção/recepção dessas mensagens. Minayo (1998), corrobora que análise de conteúdo significa mais do que um procedimento técnico, fazendo parte de uma histórica busca teórica e prática no campo das investigações sociais. Do ponto de vista operacional, a análise de conteúdo parte de uma literatura de primeiro plano para atingir um nível mais aprofundado: aquele que ultrapassa os significados manifestos.

Em termos gerais, conforme a autora, relaciona estruturas semânticas (significantes) com estruturas sociológicas (significados) dos enunciados, e, ainda, “articula a superfície dos textos descrita e analisada com os fatores que determinam suas características: variáveis psicossociais, contexto cultural, contexto e processo de produção da mensagem.” (MINAYO, 1998, p. 203).

A interlocução foi feita a partir da liderança quilombola indicada pela Associação comunitária de quilombolas Ilha de São Vicente para viabilizar as visitas no quilombo, utilizando o método de entrevistas semiestruturada. As entrevistas foram realizadas com membros da comunidade, pessoas idosas, de ambos os sexos, afim de contribuir com a pesquisa.

Nesse sentido, para cada entrevista, registraram-se as unidades discursivas, o contexto da fala e a frequência de emissão dos conteúdos. Essa operação foi realizada em três etapas: pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados (Bardin, 2016).

A preservação das identidades quilombolas está intrinsecamente ligada à atuação das pessoas idosas. Eles desempenham um papel fundamental na transmissão das tradições orais, como histórias, cantos, danças e rituais. Além disso, são responsáveis por ensinar as práticas tradicionais, a medicina popular e a culinária típica, elementos essenciais para a manutenção da cultura quilombola.

Apesar da importância das pessoas idosas nas comunidades quilombolas, eles enfrentam desafios específicos relacionados ao envelhecimento. Todos os envolvidos na pesquisa são negros, e analfabetos, com mais de 60 anos que se sustenta e ajuda a família com um salário mínimo. Em relação a religião, todos são cristãos; porém, havia um cristão protestante e outros dois cristãos católicos.

Em relação a escolaridade, justifica-se pelo difícil acesso ao ensino e alfabetização. Deve-se levar em consideração o fato de que as idosas nasceram e cresceram num período em

que era difícil o acesso à educação, sobretudo para as mulheres, pois a prioridade eram os homens (SOUSA; SILVER, 2008).

Além disso, durante as entrevistas, foi possível observar que muitos não estudaram, pois tinham que trabalhar para ajudar os pais. Em adição a isso, comunidades quilombolas possuem deficiência no ensino, resultado da vulnerabilidade social enfrentada (SILVA; LIMA; HAMANN, 2010), o que evidencia o déficit na escolaridade dos quilombolas.

Muitas pessoas idosas ainda vivem em condições socioeconômicas precárias, com acesso limitado a serviços de saúde, moradia adequada e apoio social. A falta de políticas públicas afetivas para essa população vulnerável é uma realidade que exige atenção e ação por parte do Estado e da sociedade.

Sobre isso, discorreu o entrevistado 1: *“Aqui eu tô trabalhando até o dia que Deus me permitir com vida e saúde, porque aqui só é eu e Deus mesmo. Eu já tô com 77 anos, sou filho de sete irmão. Aqui é meu trabalho eu queria que o governo tivesse conhecimento mais assim para me ajudar. Aqui eu nunca tive nada de benefício. Só tenho esse trabalho, mas benefício nunca recebi do governo.”*

As reivindicações do movimento quilombola de hoje são nada menos que a esperança de um reconhecimento histórico do povo brasileiro, presente nos elementos do passado, mais atualizados constantemente a partir da preservação identitária (OLIVEIRA *et al.*, 2018, p.7).

Foi possível constatar que dentre os entrevistados a faixa etária que prevalecia em sua maioria era de 60 e 77 anos de idade. A maioria foi do sexo masculino, todos residentes da comunidade. Durante o processo foi observado que as pessoas idosas se sentem muitas vezes solitárias e carregam marcas de dores trazidas do passado.

O envelhecimento possui dimensão existencial, modifica a relação do homem com o tempo, com o mundo e com sua própria história. Ele representa o conjunto de consequências ou os efeitos da passagem do tempo. Biologicamente, o envelhecimento é implacável, ativo e irreversível, causando mais vulnerabilidade do organismo às agressões externas e internas (SIMONE DE BEAUVOIR, 1990).

Um momento para os entrevistados que ainda é muito forte se referente ao processo de desocupação da ilha, que começou logo quando eles começaram a fazer roças. Os fazendeiros não aceitando que os quilombolas poderiam produzir alimentos para o sustento, iniciou o processo para desocupar a ilha e tomá-la dos seus donos por direitos.

Conforme fala da entrevistada 02: *“A gente não tinha condição de nada... e não sabia trabalhar de nada, em qualquer outra obediência que não fosse a lavoura. Aqui eu quebrava coco, fazia carvão e ele vendia adubo. Mas o pau quebrou foi quando a gente botou a roça, o fazendeiro*

veio e disse aqui vocês podiam morar mas botar roça não, porque aqui é nosso e vocês só podem plantar se plantar o capim pra nós. Aí eu disse: ‘Olha, eu não tenho um jumento, um cavalo e uma vaca. Eu planto o que meus filhos possam comer.’”

Após a análise das informações coletadas, foi possível delinear categorias temáticas: 1) Envelhecer no quilombo: sinônimo de memória e resistência, sendo dividida em duas subcategorias: as pessoas idosas e o companheirismo entre as gerações; e a pessoa idosa como provedor financeiro.

As pessoas idosas e o companheirismo entre as gerações

O envelhecimento é um processo natural que ocorre ao longo da vida, acarretando diversas mudanças. É importante que as sociedades estejam prontas para aceitar e incluir as pessoas idosas e oferecer-lhes oportunidades de serem participantes ativos em suas comunidades.

Embora envelhecer seja um privilégio adquirido pelas pessoas, acarreta implicações psicossociais irrefutáveis. Cabe destacar que há novas configurações do envelhecer, como: perda das capacidades cognitivas e de habilidades como independência e autonomia (BRASIL *et al.*, 2013). Isso permite um envelhecer mais pensativo e mais reflexivo para com esse processo.

A intergeracionalidade desempenha um papel de grande relevância no processo de envelhecimento. Ao compartilhar estudos e experiências com os mais jovens, as pessoas idosas se enriquecem e fazem enriquecer, reavaliando seus conceitos e preconceitos, em atitude que facilita a socialização. Essa relação intergeracional é valorizada sob a forma de solidariedade (LEITE; FRANCA, 2016).

Para algumas das pessoas idosas quilombolas, uma forma de obtenção de saúde no envelhecimento se dá através do cuidado com a alimentação. No quilombo há a produção, o cultivo e a criação de animais para subsistência. As espécies mais cultivadas são milho, feijão, batata doce, abóbora e legumes.

A pessoa idosa como provedor financeiro

De acordo com IPEA (2012), os brasileiros mais velhos hoje estão revertendo as dependências tradicionais observadas na literatura. A grande maioria delas assumiu o papel de chefe de família e até dependia de cuidadores, o que pode ser o impacto da atual conjuntura

econômica, fazendo com que os filhos saiam mais tarde de casa ou retornem após o casamento, separados ou não.

O artigo 3º do estatuto da pessoa idosa ressalta que é obrigação da família, da comunidade, da sociedade e do poder público assegurar à pessoa idosa, com absoluta prioridade, a efetivação do direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, à cultura, ao esporte, ao lazer, ao trabalho, à cidadania, à liberdade, à dignidade, ao respeito e à convivência familiar e também comunitária. Porém, ainda é muito grande o número de abuso contra a pessoa idosa, que muitas vezes são físicos, psicológicos e financeiros.

A violência financeira contra a pessoa idosa está crescendo de forma assustadora. Os bancos e financeiras têm oferecido cada vez mais créditos e empréstimos como se fossem ajuda de custo para a pessoa idosa se manter. Muitas vezes são os filhos ou parentes que se beneficiam disso, e muitas vezes excedem a 30% dos proventos dos aposentados, levando-os à situação vexatória ou constrangedora de faltar seus medicamentos e até alimentos. Muitas pessoas idosas só se dão conta disso quando cobrado judicialmente (STEDILE; MARTINI; SCHMIDT, 2017). Atualmente há necessidade de políticas públicas efetivas para minimizar esses tipos de violência, como a patrimonial/financeira.

Neste estudo, buscou-se dar voz e visibilidade às pessoas idosas das comunidades remanescentes. Esse grupo enfrenta um estado de vulnerabilidade social intimamente relacionado à qualidade de vida, que é função do meio social, das condições demográficas, históricas, políticas e culturais. No entanto, assume-se que nesses territórios se constroem processos identitários.

4.11 O sonho Uma Quilombola

Universidade da Maturidade, que é um programa de extensão elaborado desde o ano de 2006 pelo polo da UFT de Palmas, é uma proposta pedagógica, voltada à melhoria da qualidade de vida da pessoa adulta e das pessoas idosas, e visa à integração dos mesmos com os alunos de graduação, identificando o papel e a responsabilidade da Universidade em relação às pessoas da terceira idade.

O sonho de criação da UMA às pessoas idosas quilombolas representa uma oportunidade única para promover e preservar a riqueza cultural dessas comunidades. As pessoas idosas são detentoras de conhecimentos tradicionais sobre a história, a língua, a música, a dança, a culinária e outras expressões culturais quilombolas. Por meio da UMA, eles podem

compartilhar esses saberes com as gerações mais jovens, promovendo a continuidade cultural e fortalecendo a identidade quilombola.

A UMA tem o objetivo de conhecer o processo de envelhecimento do ser humano para oferecer na promoção do sujeito que envelhece e provocar transformações sociais na conquista de uma velhice ativa e digna. Embasado no Estatuto da Pessoa Idosa, o Colegiado de Pedagogia da Universidade Federal do Tocantins (UFT), aprova a elaboração do programa Universidade da Maturidade (UMA).

A educação básica dentro da comunidade da Ilha de São Vicente é inexistente e quem observa de fora tem a impressão de que é um pouco esquecida. A comunidade não possui núcleo escolar em seus lotes, tendo as crianças e adolescentes que deslocar-se em um percurso fluvial para estudar em escolas da zona urbana no município de Araguatins, cidade mais próxima a qual a comunidade faz parte.

De acordo com Freire (1996), há uma ideologia neoliberal fatalista e imobilizante que se espalha pelo mundo, com a aparência de pós-modernidade. Essa ideologia tenta convencer de que o ser humano não poder para mudar a realidade social, que antes era histórica e cultural, mas agora é considerada "quase-natural". Diante disso, a prática educativa deve se limitar a adaptar o educando a essa realidade imutável (FREIRE, 1996, p. 19-20).

Se para crianças em idade escolar a situação demonstrou-se crítica, para as pessoas idosas o cenário é ainda mais crítico, pois não há na comunidade uma escola que atenda esse público específico. Durante todo esse processo de pesquisa, foi possível observar que as pessoas idosas residentes na comunidade são, em grande parte, analfabetos. Diante dessa realidade, esses idosos quilombolas ficam cada vez mais carentes de assistência e políticas sociais que os amparem efetivamente.

É importante compreender que nas comunidades quilombolas da região Tocantina, a identidade negra é uma parte viva do cotidiano de seus moradores. Suas tradições, conhecimentos, crenças, rezas, cantos e danças são transmitidos de geração em geração. A memória desempenha um papel fundamental ao ressignificar as experiências e práticas diárias.

Nesse sentido, a memória é de extrema importância, pois é através dela que se reflete sobre si mesmo e de onde origina-se ações individuais. Existe uma dinâmica entre o pensamento e a ação, relacionada à forma como cada ser humano se conscientiza de estar inserido entre um passado infinito e um futuro infinito.

Uma vez que os conhecimentos obtidos não consideram os processos vividos pelos alunos, eles são refletidos nos currículos escolares e nos livros didáticos,

transformando o conhecimento escolar em algo a ser transmitido, como objetos ou coisas. (DAYRELL, 2001).

A educação é um direito fundamental que deve ser acessível a todas as pessoas, independentemente de sua idade, raça, gênero ou condição social. No contexto brasileiro, os quilombos representam comunidades tradicionais que possuem uma rica herança cultural, histórica e ancestral. A UMA sonha nessa troca de experiências e saberes.

No contexto quilombola, a educação deve ser pautada na valorização e preservação da cultura local, respeitando as tradições, conhecimentos ancestrais e formas de viver peculiares dessa comunidade, uma formação educacional quilombola direcionada para as particularidades da comunidade. De acordo com Carril (2017):

As lutas na contemporaneidade exigem reparações e o reconhecimento social e jurídico de garantia à inserção social dos grupos e indivíduos privados de direitos. A multiplicidade de organizações sociais no Brasil pode ser observada nos movimentos do campo e da cidade. (CARRIL, 2017, p. 542).

Com isso, é possível proporcionar uma educação mais significativa e contextualizada, promovendo a valorização da identidade quilombola e potencializando a autoestima dos jovens e pessoas idosas. Além disso, fortalece a consciência de pertencimento à comunidade e a importância de contribuir para seu desenvolvimento.

É essa educação transformadora que a UMA sonha, capaz de ampliar o pensamento e a realidade dos jovens e pessoas idosas, que são estimulados a questionar, investigar e buscar soluções para os desafios que enfrentam em seu cotidiano, fortalecendo habilidades, assim como a resolução de problemas e o pensamento crítico.

A UMA oferece aos velhos Remanescentes Quilombolas muito mais que uma oportunidade educacional. Proporciona participação, autonomia e inserção social permitindo o desenvolvimento pessoal e coletivo da comunidade, motivados pela preocupação com a qualidade de vida e promoção da saúde. Pois a intenção da Universidade da Maturidade é que o velho ganhe maturidade teórica e organizativa com uma produção significativa, ancorada na teoria da educação continuada e com sólida presença nas universidades, tanto na pesquisa quanto no diálogo com outras áreas do conhecimento, com base ética, política e teórico metodológica, materializadas no projeto piloto e nas ações propostas pela UMA. (MORBECK, 2014, p. 28).

A possibilidade de acesso ao ensino superior é um instrumento fundamental para a emancipação social e econômica dos jovens quilombolas. Através dessa formação, eles podem adquirir conhecimentos específicos em suas áreas de interesse, contribuir para suas famílias

com o conhecimento adquirido e se tornarem agentes de transformação em suas realidades. Dessa forma, a educação quilombola se torna uma via de mão dupla, em que a comunidade ensina e aprende ao mesmo tempo, valorizando-se mutuamente. Através dessa educação transformadora e da troca de conhecimentos, é possível ampliar horizontes, abrir portas para o futuro e construir uma sociedade mais inclusiva e justa.

A educação é um direito fundamental que deve ser acessível a todas as pessoas, independentemente de sua idade, raça, gênero ou condição social. Portanto, inserir os maduros dentro da universidade para uma formação gerontológica é fundamental para sua saúde mental e social. São práticas necessárias para fortalecer suas relações intergeracionais e evitar conflitos (OSÓRIO, 2018).

Não se espera que as comunidades tradicionais e em especial as pessoas idosas, permaneçam estagnados no tempo, nem se deseja folclorizar o grupo estudado, mas, como ressalta Brandão (2004), valores como a solidariedade, a afetividade e a cumplicidade são típicos dos povos tradicionais, e esses são valores humanos que merecem ser preservados, compartilhados com a sociedade.

Conforme Marques (2004), esse modo de vida só pode ser compreendida a partir de sua inserção na sociedade, que hoje inclui as relações sociais que ocupam as comunidades quilombolas na sociedade moderna capitalista, entendendo como a relação entre tradição e modernidade e qual lugar ocupam os povos de vidas tradicionais. Dessa maneira, o projeto UMA vem propor medidas eficazes no sentido de possibilitar a quebra de paradigmas, essencialmente no modo de como o *velho* se percebe no processo de envelhecimento. (OSÓRIO, 2006).

No que se diz respeito à escolarização do povo negro, observa-se a ascensão de uma intelectualidade negra que reconhecia no domínio da escrita um meio para adentrar espaços sociais, entendendo que na prática, mesmo tendo garantido o direito dos libertos estudarem, a eles não eram oferecidas as condições necessárias para a escolarização (MACHADO, 2009).

Paulo Freire, que defendia práticas e experiências de educação popular, tendo como base o fundamento da cultura como processo histórico, propôs-se uma educação capaz de apreender os sujeitos, não como essência dada, mas pelos atos de criação social.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho objetivou compreender e descrever a experiência vivida por esses indivíduos, a partir de sua própria perspectiva e vivência. Essa abordagem envolve a comunidade quilombola Ilha de São Vicente, pertencente à Amazônia legal, no município de Araguatins – TO. Pesquisar sobre práticas educativas com pessoas idosas quilombolas me levou a refletir qual o meu papel na sociedade e me questionar sobre o que tenho feito para tornar o mundo e sociedade melhor.

Em relação aos objetivos específicos: explorar interesses por práticas educativas com pessoas em comunidades quilombolas da Amazônia Legal; revelar perspectivas de relações com pessoas idosas no município de Araguatins – TO; compreender as vivências que envolvem a educação com pessoas idosas na comunidade Ilha de São Vicente. Questão norteadora do trabalho: como a experiência vivida por pessoas idosas da UMA/UFT alcançam as pessoas idosas da comunidade quilombola Ilha de São Vicente, pertencente à Amazônia legal, no município de Araguatins – TO?

A convivência com as pessoas idosas da Ilha de São Vicente nos fez perceber a dimensão étnico-cultural que durante muito tempo foi silenciada na sociedade dominante diante de disputas de poder. Conviver com os idosos dá UMA tornou evidente que é possível dá uma educação ao longo da vida, uma prática educativa que valorizes os saberes, a participação dos idosos de forma ativa.

Segundo Sinésio (2017) a UMA tem a responsabilidade de:

Fundamentar teórica e praticamente os processos educativos promovidos na ação e intervenção sociais e tem como metas a melhoria do bem-estar social e da qualidade de vida. O homem é um ser social, um ser de relações. Precisa viver em grupo e na sociedade para desenvolver-se como pessoa, participando da vida da comunidade da qual faz parte e tendo condições de contribuir para a sua promoção. (SINÉSIO, 2017).

Esta dissertação também apresenta a força, coragem e sabedoria dos quilombolas, que pode ser observado a cada fala que foi narrada, evidenciando práticas, lutas, enfrentamento e estratégias de sobrevivência e resistência.

O fenômeno UMA é um projeto que deu certo a diversos exemplos no corpo do texto. Trazendo à luz a práticas em comunidade quilombolas, ficou evidente que há uma necessidade da implantação de um polo na cidade de Araguatins para assistir a comunidade, e que conforme as ações e visitas demonstraram, a população tem aceitação e interesse de estreitar os laços com a UMA/UFT.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Cristina de Sousa Fonseca; LAROQUE, Luís Fernando da Silva. Territorialidade, identidade e cultura da comunidade remanescente quilombola Ilha de São Vicente/Tocantins. **Geosul**, Florianópolis, v. 34, n. 73, p. 333-357, set./dez. 2019. Disponível em: <http://doi.org/10.5007/1982-5153.2019v34n73p333> Acesso em: 24 mar. 2023.
- ASSOCIAÇÃO. **Documentos da Associação de Moradores do Quilombo Ilha de São Vicente**. Araguatins - TO: 2022.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011, 229 p.
- BARRETO, M. L. F. **Admirável mundo velho: velhice, fantasia e realidade social**. 1a ed. São Paulo: Ática, 1992.
- BEAUVOIR, S. **A velhice**. Tradução de Maria Helena Franco Monteiro. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2018.
- BEAUVOIR S. **A velhice**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; 1990.
- BENJAMIN, Walter. Experiência e Pobreza. In: _____. **Magia e Técnica, Arte e Política. Obras Escolhidas I**. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- BOTH, Agostinho. **Gerontologia: educação e longevidade**. Passo Fundo: Imperial, 1999.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Sobre a tradicionalidade rural que existe entre nós. In: OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de. MARQUES, Marta Inez Medeiros. (orgs.). **O Campo no Século XXI: território de vida, de luta e de construção da justiça social**. São Paulo: Editora Casa Amarela e Editora Paz e Terra, 2004.
- BRASIL. **Estatuto da Pessoa Idosa. Lei nº 10.741, de 1º de outubro de 2003. Decreto nº 6.214, de 2007 Dispõe sobre o Estatuto da Pessoa Idosa e dá outras providências**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.741.htm Acesso em: 23 dez. 2022.
- BRASIL. Ministério da Saúde. **Sistema Nacional de Informações sobre Ética em Pesquisa envolvendo Seres Humanos**. Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012. Disponível em: http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/cns/2013/res0466_12_12_2012.html. Acesso em: 20 nov. 2022.
- BRITO, Marlon Santos de Oliveira *et al.* **A conservação ambiental como itinerário formativo na Universidade da Maturidade, da Universidade Federal do Tocantins (UMA/UFT)**. Congresso Nacional on-Line de Conservação e Educação Ambiental - CONEAMB: 2022. Disponível em: <https://ime.events/ii-coneamb> Acesso em: 20 ago. 2022.
- BRITO, Marlon Santos de Oliveira. **A universidade da maturidade-UMA/UFT como itinerário formativo para a pessoa idosa**. 2022. Dissertação de Mestrado. Repositório da UFT. Disponível em: <http://repositorio.uft.edu.br/handle/11612/4273> . Acesso em: 29 jun. 2023.
- CAMACHO, A. C. L. F.; COELHO, M. J. Políticas públicas para a saúde do idoso: revisão sistemática. **Ver. Bras. Enferm**, 2010, p. 279-84. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0034-71672010000200017>. Acesso em: 29 jun. 2023.

CAÑETE, Uriens Maximiliano Ravena; RAVENA-CAÑETE, Voyner; MAGALHÃES, Sônia Maria Simões Barbosa Santos. “Eu gosto daqui”: ontologia e escolhas de uma comunidade amazônica na relação entre humanos e natureza. **Peer Review**, v. 5, n. 11, p. 223-241, 2023. Disponível em: <http://peerw.org/index.php/journals/article/view/595> Acesso em: 29 maio 2023.

CARRIL, L. F. B. Terras de negros no vale do Ribeira: territorialidade e resistência. 1995. 212f. Dissertação (Mestrado em História Social) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1995.

SCHMITT, A.; TURATTI, M. C. M.; CARVALHO, M. C. P. A atualização do conceito de Quilombo: Identidade e Território nas definições teóricas. **Ambiente & Sociedade**, Campinas, ano V, n. 10, jan./jun. 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/asoc/n10/16889>. Acesso em: 02 jun. 2023.

COSTA, Amanda Pereira. **Era uma vez**: a história de velhos com base freiriana para promoção da intergeracionalidade na educação infantil. Dissertação (Mestrado em educação) - PPGE, Universidade Federal do Tocantins, Palmas/TO, 2019.

CRUZ, Edna Sousa; TORRES, Bianca de Sousa. Comunidade Remanescente de Quilombola Ilha de São Vicente: território de memórias, resistências e afeto. **Revista ENTRELETRAS** (Araguaína), v. 13, n. 3, set./dez. 2022 (ISSN 2179-3948 – online). Disponível em: <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/entreletras/article/download/15183/20965> Acesso em: 06 maio 2023.

DAYRELL, J. A escola como espaço sócio-cultural. *In*: **Múltiplos olhares sobre educação e cultura**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2001.

DE OLIVEIRA BRITO, Marlon Santos *et al.* A sustentabilidade como Itinerário Formativo nos espaços da Universidade da Maturidade da Universidade Federal do Tocantins. **Conjecturas**, v. 22, n. 13, p. 1047-1054, 2022. Disponível em: <http://conjecturas.org/index.php/edicoes/article/view/1682> Acesso em: 26 de jan. de 2023

DE SANTANA, W. V. *et al.* Tecnologia social educacional para idosos, inovação e extensão universitária. **Brazilian Journal of Development**, v. 6, n. 11, p. 85419-85433, 2020. Disponível em: <https://www.brazilianjournals.com/ojs/index.php/BRJD/article/view/19413> Acesso em: 12 jun. 2023.

DE SANTANA, Wesquisley Vidal; OSÓRIO, Neila Barbosa; SILVA NETO, Luiz Sinésio; BRITO, Marlon Santos de Oliveira; BORGES, Eliane Lima do Nascimento. **Conhecendo a Universidade da Maturidade - UMA/UFT**. Apostila de Formação de Professores da UMA/UFT: 2023.

DE SOUSA, Alex Montel. **Memória, Processos de Identificação Cultural e Desobediência Epistêmica na/da Comunidade Quilombola da Ilha de São Vicente em Araguatins-To**. Congresso Internacional de Educação: 2018. Disponível em: https://abralic.org.br/anais/arquivos/2018_1547575697.pdf Acesso em: 27 de fev. de 2023.

DEBERT, Guita. **A reinvenção da velhice**: socialização e processos de reprivatização do envelhecimento. São Paulo: Edusp/Fapesp, 2004.

DIAS, B. C. **OMS desiste de classificar velhice como doença.** Blog Viva a Velhice. Em 17 de dezembro de 2021. Disponível em: <https://www.vivaavelhice.com/2021/12/oms-desiste-de-classificar-velhice-como.html>. Acesso em: 19 fev. 2023.

FARINATTI, P. de T. V.. (2002). Teorias biológicas do envelhecimento: do genético ao estocástico. *Revista Brasileira De Medicina Do Esporte*, 8(4), 129–138. <https://doi.org/10.1590/S1517-86922002000400001>

FIABANI, Adelmir. **Mato, palhoça e pilão:** o quilombo, da escravidão às comunidades remanescentes [1532-2004]. 2. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2012.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

GADOTTI, M. **Educação popular e educação ao longo da vida.** 2016. Disponível em: http://acervo.paulofreire.org:8080/FPF_PTPF_01_0470.pdf Acesso em: 19 jun. 2023.

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo. **Métodos de pesquisa.** Plageder, 2009.

GOMES, N. L. **O Movimento Negro educador:** saberes construídos nas lutas por emancipação. Petrópolis: Vozes, 2017.

GONÇALVES, Rafael Soares. Les conflits fonciers à Rio de Janeiro : les habitants du “Horto Florestal” contre l’administration du Jardin Botanique, *Urbanités*, n° 10, 2018.

GUERINO, M. Mapa do Estado do Tocantins, o Município de Araguatins e a comunidade remanescente de quilombo Ilha de São Vicente em destaque. Tocantins: Do autor, 2018. *In:* ALMEIDA, Cristina de Sousa Fonseca e LAROQUE, Luís Fernando da Silva. Territorialidade, Identidade e Cultura da Comunidade Remanescente Quilombola Ilha de São Vicente/Tocantins. *Geosul*, Florianópolis, v. 34, n. 73, p. 333-357, set./dez. 2019. Disponível em: <http://doi.org/10.5007/1982-5153.2019v34n73p333>. Acesso em: 24 mar. 2023.

GUIMARÃES, Sibebe Maria Dal’Col do Amaral. **De geração para geração:** As relações entre avós e netos em face do avanço tecnológico. 2014. 92 f. Dissertação Mestrado. Programa de Pós Graduação em ciências humanas da Universidade Tuiuti do Paraná. 2014. Disponível em: <http://tede.utp.br:8080/jspui/handle/tede/1552>. Acesso em: 30 mar. 2023.

HELENE, A. F.; XAVIER, G. F. A construção da atenção a partir da memória. *Brazilian Journal of Psychiatry*, 25, p. 12–20, 2003. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1516-44462003000600004>. Acesso em: 24 mar. 2023.

HAERTER, L.; BARBOSA JÚNIOR, H. F.; BUSSOLETTI, D. M. A contação de histórias como elemento de resistência em comunidades quilombolas. *Boitató, [S. l.]*, v. 12, n. 23, p. 89–102, 2017. DOI: 10.5433/boitata.2017v12.e30680. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/boitata/article/view/30680>. Acesso em: 8 jul. 2023.

IPEA. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. **Tendências Demográficas mostradas pela PNAD 2011.** Comunicados IPEA n. 157. Ipea, 2012.

KALACHE, Alexandre. O mundo envelhece: é imperativo criar um pacto de solidariedade social. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 13, n. 4, p. 1107-1111, 2008.

KARASCH, Mary. Os quilombos do ouro na Capitania de Goiás. *In*: REIS, J. J.; GOMES, F. dos S. (org.). **Liberdade por um fio: história dos quilombos no Brasil**. São Paulo: Cia das Letras, 1996. p. 240-262.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. de. A. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

LEITE, Soniárlei Vieira; FRANCA, Lucia Helena de Freitas Pinho. A Importância da intergeracionalidade para o desenvolvimento de universitários mais velhos. **Estud. pesqui. psicol.**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 3, p. 831-853, set. 2016. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-42812016000300010&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 27 maio 2023.

LOPES, Rita de Cássia Domingues. **Identidade e territorialidade na comunidade remanescente de quilombo Ilha de São Vicente–Tocantins**. 2020. Disponível em: <https://repositorio.uft.edu.br/bitstream/11612/2424/1/Identidade%20e%20territorialidade%20na%20comunidade%20remanescente%20de%20quilombo%20Ilha%20de%20S%C3%A3o%20Vicente%20%E2%80%93%20Tocantins.pdf> Acesso em: 14 maio 2023.

LOPES, Danilo da Conceição Serejo. **O Direito constitucional à terra das comunidades remanescentes de quilombo: o caso da Base Espacial de Alcântara – MA**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Faculdade de Direito, Universidade Federal de Goiás/Campus Cidade de Goiás, 2012.

LOPES, Rita de Cássia Domingues. **Relatório antropológico de reconhecimento e delimitação do território da comunidade quilombola Ilha São Vicente**. 2014. Disponível em: http://www.consultaesic.cgu.gov.br/busca/dados/lists/pedido/attachments/521320/resposta_pedido_rtid_ilha_de_so_vicente_to.pdf. Acesso em: 08 set. 2022.

LUCINDA, Maria da Consolação. **Comunidade Quilombola Ilha de São Vicente**. Belo Horizonte: FAFICH, 2017. (Coleção Terras de Quilombos).

MAESTRI, Mário. Terra e Liberdade: as comunidades autônomas de trabalhadores escravizados no Brasil. *In*: AMARO, L. C.; MAESTRI, M.(org.). **Afrobrasileiros: História e Realidade**. Porto Alegre: EST Edições, 2005. p. 85-113.

MACHADO, C. E. D. População negra e escolarização na cidade de São Paulo nas décadas de 1920 e 1930. 2009. 154f. Dissertação (Mestrado em História Social) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009

MARQUES, Marta Inez Medeiros. Lugar do Modo de Vida Tradicional na Modernidade. *IN*: O Campo no Século XXI – território de vida, luta e de construção da justiça social. São Paulo: Editora Casa Amarela, e Editora Paz e Terra, 2004.

MARTINS, Joel; BOEMER, Magali Roseira; FERRAZ, Clarice Aparecida. A fenomenologia como alternativa metodológica para pesquisa algumas considerações. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, v. 24, n. 1, p. 139–147, abril, 1990. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0080-6234199002400100139>. Acesso em: 30 mar. 2023.

MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção**. Tradução: Carlos Alberto Ribeiro de Moura. 5ª. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2018.

MINAYO, M. C. de S. O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. 14ª ed. São Paulo. 2014.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Boletim temático da biblioteca do Ministério da Saúde / Ministério da Saúde**. Divisão de Biblioteca do Ministério da Saúde. v. 1, n. 1, mar. 2021. Brasília: 2021. Disponível em: https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/boletim_tematico/saude_idoso_outubro_2022-1.pdf Acesso em: 21 mar. 2023.

MORBECK, Natália Belo Moreira. **Abordagem educativa para o uso de medicamentos em remanescentes quilombolas: uma perspectiva Freiriana**. 2014. 75 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Tocantins, Programa de Pós-Graduação em Educação, Palmas, 2014.

MORIN, Edgar. **A Via para o futuro da Humanidade**. Bertrand Brasil, RJ 2013.

NASCIMENTO, Abdias. **O quilombismo**. Editora Perspectiva SA, 2020.

NASCIMENTO, Anael Souza. Da natureza à mesa: a pesca artesanal na vida e alimentação dos quilombolas da Comunidade de Mangueiras (Ilha do Marajó – Pará). Orientador: Flávio Bezerra Barros, 2020. 186 f. Dissertação (Mestrado em Agriculturas Familiares e Desenvolvimento Sustentável) – Instituto Amazônico de Agriculturas Familiares, Universidade Federal do Pará, Belém, 2020. Disponível em: . Acesso em: 20 mar. 2023

NERI, Anita Liberalesso. **Idosos no Brasil: vivência, desafios e expectativa na terceira idade**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, Edições SESC, 2007.

NOLETO, L. et al. Apoio Social: velhos da “UMA” em situação de vulnerabilidade em tempo de Covid-19. **Revista Observatório**, v. 6, n. 2, 2020. Disponível em: <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/observatorio/article/view/9482> Acesso em: 12 abr. 2023.

OLIVEIRA, Aldeni Melo; STROHSCHOEN, Andreia Aparecida Guimarães. **Diário de bordo: Uma ferramenta para o registro da alfabetização científica**. Centro Universitário UNIVATES Av. Avelino Tallini, 171, Lajeado – RS.

OLIVEIRA, N. P. B.; OSÓRIO, N. B.; SILVA NETO, L. S.; SERA, E. A. R.; BRITO, M. S. de O.; SOUZA, M. C. de S.; VERAS, L. P. M.; ALMEIDA, F. de S. (2023). Peel more in the Amazon! Intergenerational learning and health education at the University of Maturidade do Tocantins: Descasque mais na Amazônia! Aprendizagem intergeracional e educação em saúde na Universidade da Maturidade do Tocantins. **Concilium**, 23(12), 402–411. Disponível em: <https://doi.org/10.53660/CLM-1536-23H52>. Acesso em: 04 jul. 2023.

OPAS. Organização Pan-Americana da Saúde. **Década do Envelhecimento Saudável nas Américas (2021-2030)**. OMS: 2021. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/decada-do-envelhecimento-saudavel-nas-americas-2021-2030> Acesso em: 20 mar. 2023.

OSÓRIO, N. B.; ANDRADE, C. M. **Asilo, é possível viver com alegria?** Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria – Rio Grande do Sul, 2000.

OSÓRIO, N. B. *et al.* **A Era dos Avós Contemporâneos na Educação dos Netos e Relações Familiares: Um Estudo de Caso na Universidade da Maturidade da Universidade Federal do Tocantins**. **Revista Signos**, Lajeado, 39, n. 1, 2018. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.22410/issn.1983-0378.v39i1a2018.1837>. Acesso em: 06 set. 2021.

OSÓRIO, N. B.; SILVA NETO, L. S.; NUNES FILHO, F. A. **Geron Tocantins: estudos sobre a educação ao longo da vida na Amazônia legal**. Organizadores. Ponta Grossa - PR: Atena, 2022. Disponível em: <https://www.atenaeditora.com.br/post-ebook/5162> Acesso em: 30 maio 2023.

OSÓRIO, Neila Barbosa; SILVA NETO, Luiz Sinésio; DE SOUZA, Josafá Miranda. A era dos avós contemporâneos na educação dos netos e relações familiares: um estudo de caso na Universidade da Maturidade da Universidade Federal do Tocantins. **Revista Signos**, v. 39, n. 1, 2018. Disponível em: <http://univates.br/revistas/index.php/signos/article/view/1837>. Acesso em: 24 mar. 2023.

OSÓRIO, Neila Barbosa; SILVA NETO L. S; MONTEIRO, S. D. **Universidade da Maturidade: ressignificando vidas**. Universidade Federal Do Maranhão, São Luís, Maranhão, 2013. Disponível em: <http://www.joinpp.ufma.br/jornadas/joinpp2013/JornadaEixo2013/anais-eixo8-direitosepoliticaspUBLICAS/universidadedamaturidade-ressignificandovidas.pdf> Acesso em: 14 jan. 2023.

PATRINI, Maria de Lourdes. **A renovação do conto: emergência de uma prática oral**. São Paulo: Cortez, 2005.

PAZ, Serafim Fortes; ALEXANDRINO, Morvan Bitencourt; PEREIRA, Horrana Campos. **Estatuto para quem precisa de Estatuto: quem assegura os direitos do Idoso? Envelhecimento e vida saudável**. Rio de Janeiro: Apicuri, p. 316, 2009.

PPP UMA/UFT, **Projeto Político Pedagógico da Universidade da Maturidade da Universidade Federal do Tocantins**. UMA/UFT: 2021. Disponível em: <http://sites.uft.edu.br/uma/projetos/> Acesso em: 06 jun. 2023.

PRESTES, Fabiana da Silva; ALFARO, Andrew da Silva. **A importância das trocas intergeracionais**. UNINTER 2020. Disponível em: <https://www.uninter.com/noticias/a-importancia-das-trocas-intergeracionais>. Acesso em: 26 Jun. 2023.

SILVA, Josimar Jânio de Sousa. **Territórios negros no Tocantins: caracterização das comunidades quilombolas no território eclesiástico da diocese de Porto Nacional, Tocantins**. 2021. 47 f. Monografia (Especialização) - Curso de Geografia, Universidade Federal do Tocantins, Porto Nacional, 2022.

Silva, M. J. G., Lima, F. S. S., & Hamann, E. M. (2010). Uso dos serviços públicos de saúde para DST/HIV/Aids por comunidades remanescentes de Quilombos no Brasil. *Saúde Soc*, 19(2), 109-120. Recuperado em 08 e abril, 2017, de: <http://www.scielo.br/pdf/sausoc/v19s2/11.pdf>

SOBRINHO, Marcelo Henrique de Jesus Flores. **A Universidade da Maturidade: o reflexo das práticas sociopedagógicas desenvolvidas em Araguaína-TO**. Editora Dialética, 2022.

SOUSA, A. I.; SILVER, L. D. Perfil sociodemográfico e estado de saúde autorreferido entre idosas. **Esc. Anna Nery Ver. Enferm.**, v.12, n.º.4, p. 706-716, 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/eav/v12n4/v12n4a15.pdf>. Acesso em: 27 jun. 2023.

STEDILE, T.; IVONE GRILO MARTINI, M.; SCHMIDT, B. Mulheres idosas e sua experiência após a viuvez. **Revista Pesquisas e Práticas Psicossociais, [S. l.]**, v. 12, n. 2, p.

327–343, 2017. Disponível em: http://seer.ufsj.edu.br/revista_ppp/article/view/2445. Acesso em: 9 ago. 2023.

TESKE, W. **Cultura quilombola na Lagoa da Pedra, Arraias – Tocantins**: rituais, símbolos e rede de significados de suas manifestações culturais: um processo folkcomunicação de saber ambiental. Brasília. Senado federal. Conselho Editorial, 2010.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em educação: o positivismo, a fenomenologia, o Marxismo. São Paulo: Atlas, 1987.

TURATO, Egberto Ribeiro. Métodos qualitativos e quantitativos na área da saúde: definições, diferenças e seus objetos de pesquisa. **Revista de Saúde pública**, v. 39, p. 507-514, 2005.

VILLAS-BOAS, Susana & Oliveira, Albertina & Ramos, Natália & Montero, Inmaculada. (2016). Educação Intergeracional no quadro da educação ao longo da vida: Desafios Intergeracionais, Sociais e Pedagógicos.